

ASPECTOS GEOGRÁFICOS DA ZONA AGRÍCOLA DO RIO DA PRATA ¹

LÚCIA DE OLIVEIRA

(Geógrafa do CNG)

INTRODUÇÃO

A região do Rio da Prata, pela sua diversidade de aspectos característicos e por ser zona ainda pouco estudada, despertou-me grande interesse na realização do presente trabalho.

Localizada a oeste do maciço da Pedra Branca, no distrito rural de Campo Grande, Rio da Prata, como uma das poucas zonas agrícolas do sertão carioca, mereceu minha atenção não só pelos seus aspectos geográficos como também pelo seu valor econômico. Tanto na época atual, pela vultosa contribuição de frutas e hortaliças ao mercado consumidor do Distrito Federal, quanto no passado pelos ciclos econômicos sucessivos como o da cana-de-açúcar, do café e ultimamente o da fruticultura, principalmente da laranja, que deixaram marcas importantes na sua vida agrícola.

Apesar da proximidade de um centro urbano de relativa importância, como é Campo Grande, e dispondo de fácil comunicação por linha de bonde e de "auto-lotação" através de estrada asfaltada, Rio da Prata ainda oferece certa resistência ao avanço da urbanização, fato aliás que merece ser assinalado.

O presente trabalho é pois um estudo da vida rural da zona de Rio da Prata, pesquisando-se sob o ponto de vista geográfico os seus habitantes, seu gênero de vida, as modalidades de exploração e ocupação do solo, enfim, das paisagens criadas por êsse conjunto de montanha e planície do qual é formado seu quadro físico

I — QUADRO NATURAL

Num rápido exame do relêvo do Distrito Federal, o que logo chama a atenção do pesquisador é o contraste nítido entre duas regiões distintas, uma acidentada, de montanhas, e outra de planícies, sem que haja, entre elas, transição lenta

A zona montanhosa, cujas encostas apresentam declividade variável, sendo as mais das vezes, abruptas, corresponde a um dos muitos contrafortes da serra do Mar, esta, geologicamente, fazendo parte do complexo cristalino brasileiro, o qual é constituído por rochas graníti-

¹ Monografia apresentada no concurso para geógrafo do CNG; resultado de pesquisas efetuadas em julho de 1954, com pequenas modificações baseadas em críticas feitas pelos examinadores por ocasião da defesa do trabalho, em maio de 1955

cas e gnáissicas, do período arqueano, atravessadas por derrames de rochas mais recentes.

O maciço da Pedra Branca, juntamente com os da Tijuca e de Jericiné, constituem as mais importantes elevações do Distrito Federal.

A zona da baixada é um prolongamento das planícies costeiras do litoral e, como estas, é constituída de terrenos recentes do quaternário, superpostos aos terrenos arqueanos

A pequena zona por nós estudada, o Rio da Prata, participa dessa dualidade de paisagens, que vão dar os traços característicos da ocupação humana

Essa região é um anfiteatro formado de duas zonas bastante diferentes quanto ao relêvo, à geologia e à hidrografia: a serra e a baixada

A área montanhosa estudada, tôda ela pertencente ao maciço da Pedra Branca, é constituída pela serra do Rio da Prata que, com o morro dos Caboclos, (700 metros) faz parte integrante do maciço, juntamente com os esporões norte e sul dêste. O primeiro esporão é constituído pelas serras do Viegas (300 metros) e Lameirão (486 metros), e o segundo pela serra do Cabuçu (550 metros). Êsses esporões são alongados segundo a direção sudoeste-nordeste.

Quanto à baixada, no local denominado Cabuçu, é constituída de terrenos aluviais, fazendo parte da extensa planície de Sepetiba.

De modo geral, predominam na zona montanhosa rochas graníticas e gnáissicas, que, sob a ação de um clima quente e úmido, dão às serras formas arredondadas e pesadas.

Observa-se no maciço uma série de patamares rochosos, dos quais se salientam alguns de 140 metros, e outros, mais elevados, de 200 metros

Como é fato comum nas áreas graníticas, também aí se nota a formação de "boulders" dos mais variados tamanhos, que tornam mais acidentados os flancos das montanhas.

Nas encostas íngremes, observam-se freqüentes afloramentos rochosos que vão dificultar, sobremaneira, o aproveitamento agrícola

O maciço da Pedra Branca, como os demais maciços litorâneos do Distrito Federal, apresenta-se entalhado por vales profundos, sendo o curso dos rios acidentado por patamares e rápidos até atingir a baixada. Êsses patamares, onde as aluviões são mais abundantes, constituem pequenos alvéolos elevados. Os vales, algumas vêzes, parecem se adaptar a linhas estruturais bem importantes, como sejam fraturas ou mesmo pequenas falhas, entretanto, sua identificação torna-se difícil, senão impossível, por tratar-se de relêvo granítico ou de rochas muito granitizadas, já bastante trabalhadas pela erosão

Os principais rios que dissecam o maciço da Pedra Branca e seus contrafortes, na área estudada, são o da Prata e o da Batalha; êstes, ao atingirem a baixada, têm modificados os seus perfis longitudinais que então se apresentam quase horizontais. Aí, devido à diminuição de

sua velocidade, abandonam os sedimentos que transportam, passando a divagar na baixada, onde se vêem, a miúdo, meandros abandonados. Isto, em parte, é ocasionado pela pequena declividade que outrora dificultava a drenagem. As águas represadas favoreciam, pois, a propagação da malária e impossibilitavam o aproveitamento agrícola. Fazia-se necessário, além de uma retificação desses rios, a abertura de canais e valetas de drenagem, o que foi realizado, há cerca de treze anos, pelo Departamento Nacional de Obras de Saneamento.

Encontramos dominando essa região plana, uma série de pequenas colinas de 40, 60 e 80 metros, as quais parecem corresponder a remanescentes dos níveis de erosão estudados na Baixada Fluminense¹. Nesses morros o solo é relativamente profundo, entretanto, o seu esgotamento dá-se mais rapidamente que na planície.

A baixada, com seu grande aproveitamento agrícola, constitui o principal centro de toda a vida regional do Rio da Prata.

II — TRAÇOS GERAIS DA OCUPAÇÃO HUMANA

No presente capítulo ter-se-á em vista descrever, apenas, sem maiores minúcias, as diversas paisagens da região em estudo, condicionadas, não só pela variação de seu relevo, como também pela ação do homem. No amplo anfiteatro do Rio da Prata o que se observa à primeira vista é uma multiplicidade de aspectos, que chega a tornar o seu conjunto desordenado, sem, no entanto, perder as características de duas paisagens distintas — uma de planície e outra de encostas.



Fig. 1 — Aspecto do amplo anfiteatro do Rio da Prata. No primeiro plano aparece a planície aluvial e, ao fundo, a serra.

(Fot. H. Muñoz)

¹ *Evolução Geomorfológica da Baía de Guanabara e das Regiões Vizinhas* — Prof. FRANCIS RUELLAN

Na planície, com uma paisagem de pequenos sítios, onde predomina a fruticultura, sobressai, como principal produto, a laranja, cultivada tanto na baixada quanto nas pequenas colinas arredondadas, que aí se situam e que dão certo realce ao panorama

Associadas à laranja, diversas frutas como o mamão, a banana, o abacate e a manga formam grandes pomares que ocupam extensa área

Outra forma de ocupação do solo característica da baixada é a horticultura. Tomatais cultivados com boa técnica agrícola, latadas de chuchu e canteiros de viçosas hortaliças surgem em vários sítios

Ao longo da estrada do Lameirão Pequeno a paisagem muito se assemelha à de uma região canavieira, trata-se de um remanescente da antiga ocupação da região, anterior à época da laranja

Observa-se, ainda, a frequência de laranjais abandonados, completamente cobertos de gramíneas ou sufocados por ervas daninhas, em contraste com os trechos de lavouras bem cuidadas

As casas, de modo geral dispersas, apresentam pequenas diferenças entre si em relação à localização, à construção e ao material empregado, ao maior ou menor conforto, revelando, assim, o nível de vida dos seus ocupantes

Ainda nessa paisagem de baixada observa-se um aspecto interessante, que lhe dá nota característica: é o contacto da vida rural agrícola com a urbana, que, através das áreas loteadas, invade a zona rural

Concorrem grandemente para isso as boas estradas que recortam a região, sendo que uma delas, a do Cabucu, que une essa zona ao centro urbano mais próximo (Campo Grande) é asfaltada, constituindo um dos mais importantes traços de união entre êsses dois núcleos.

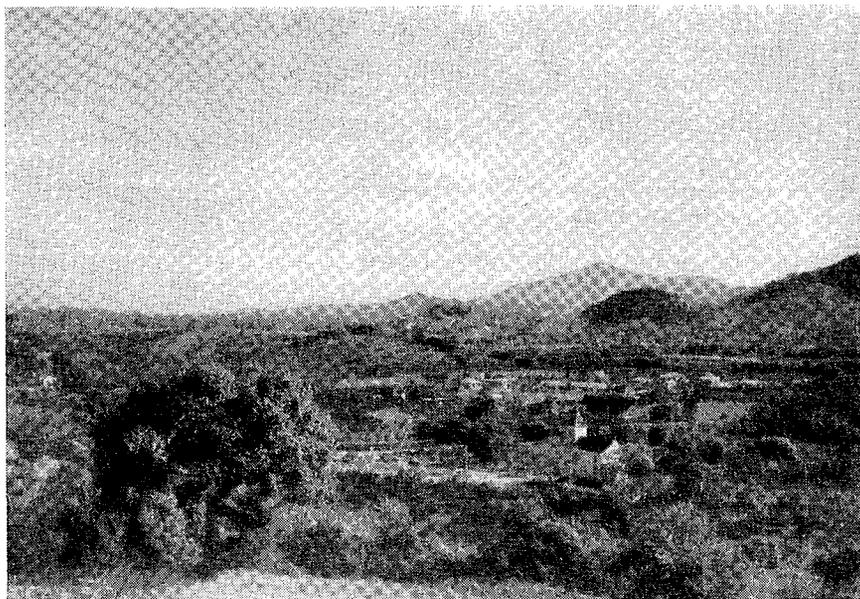
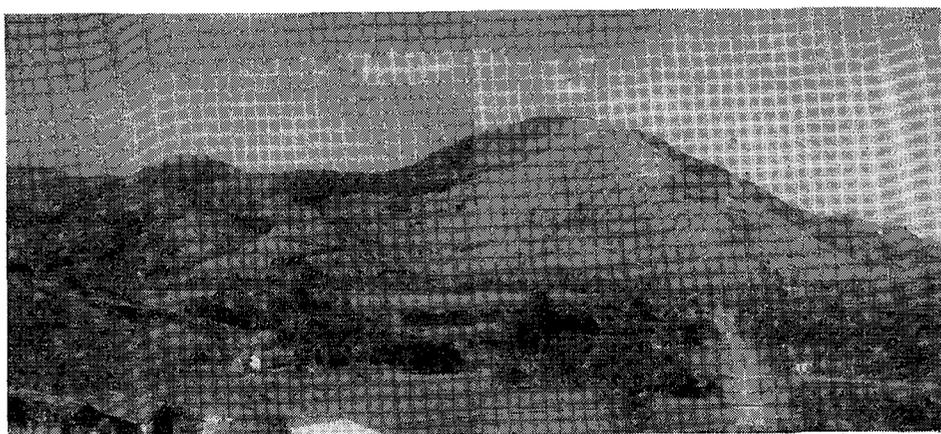


Fig 2



Fig 3



Figs 2, 3 e 4 — Aspectos das diferentes paisagens do Rio da Prata: a baixada com suas culturas, a serra do Cabuçu, com vegetação de gramíneas, e a serra do Lameirão, recoberta de vegetação exuberante

Entre a baixada e a serra, entende-se uma zona de baixa encosta, tôda ela bem aproveitada, principalmente com lavoura citrícola. Nessa faixa, as casas se ocultam por trás de grandes laranjais e, alinhadas no sopé dos morros, vêm demonstrar maior dependência com a baixada.

Observando-se as vertentes, nota-se, que também aí, a paisagem é de pequenos sítios. No entanto, dois aspectos bem distintos apresenta essa paisagem; enquanto que nas serras do Lameirão e Viegas cresce vegetação exuberante, com grandes capoeirões nos cumes e na meia encosta, de permeio com bananais ao alto e laranjais na baixada, na serra do Cabuçu desenvolve-se vegetação de gramíneas e arbustos na sua maior área, não tendo havido, portanto, recuperação da capoeira.

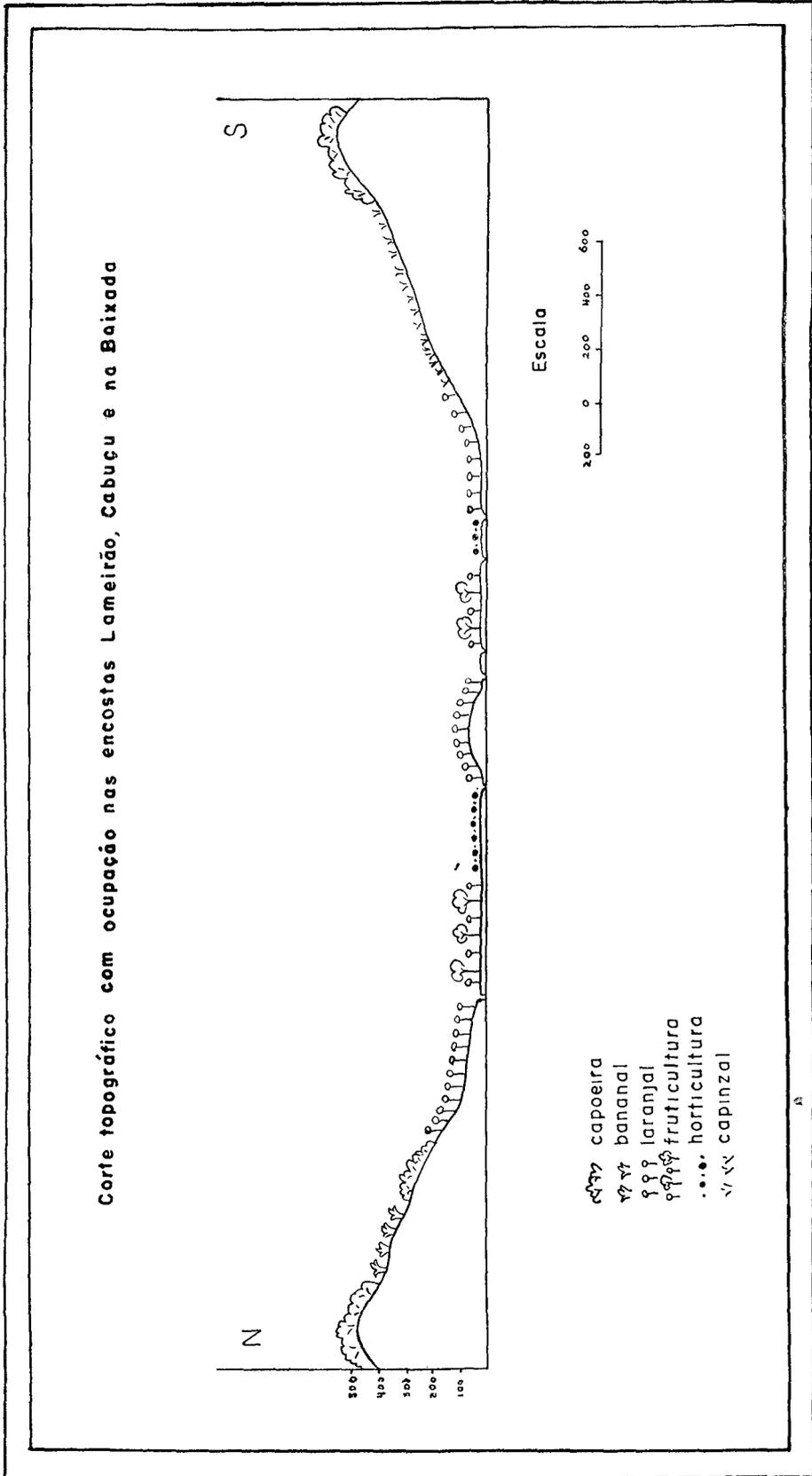


Fig. 5

Quanto ao aproveitamento agrícola limita-se ao plantio de laranjeiras que se estendem, entretanto, somente até à meia encosta

Também nos morros que formam a serra do Rio da Prata, idêntico contraste se observa: de um lado, as vertentes são cobertas de vegetação densa e de outro, o revestimento vegetal se limita apenas a arbustos e gramíneas. Nessa serra, os laranjais e bananais se sucedem ao lado de lavouras de “miudezas”, como são chamadas as plantações de aipim, nabo, cenoura, quiabo e outras

A disposição do relevo foi um dos fatores a influir nessa diferença de revestimento vegetal, da qual se originou o dito popular de “noruega”, aplicado às vertentes cobertas de vegetação densa e onde a umidade é maior, e “soalheira” às encostas que se apresentam cobertas de vegetação empobrecida, onde os efeitos da insolação se fazem sentir, com mais intensidade, principalmente nos meses de inverno

Em linhas gerais, a cobertura vegetal que caracteriza a área montanhosa do Rio da Prata, atualmente, é a mesma, apenas com pequenas variações condicionadas pelo relevo, sendo fator muito importante a insolação diversa das diferentes encostas.

Originariamente, a vegetação, em quase toda a zona montanhosa do Distrito Federal, era constituída de matas densas que, posteriormente, foram sendo devastadas.

Já MAGALHÃES CORREIA, em seu livro *Sertão Carioca*, se refere à derrubada dessas matas, dizendo “a flora carioca foi, desde os tempos coloniais, devastada pelo homem, quer para construção, quer para lenha e carvão, transformando a exuberante vegetação em depauperada capoeira”

Na zona em estudo, segundo informações locais, as matas foram devastadas e aproveitadas para carvão pelos primeiros ocupantes da região, os quais, após a derrubada, seguiram, em grande parte, para Itaguaí

De modo geral, o aproveitamento nas diversas encostas é dificultado pelos frequentes afloramentos rochosos, pelos “boulders” e ainda pela pequena espessura dos solos que impossibilitam melhor utilização da terra.

À medida que galgamos da baixada para a alta encosta o tipo de casa vai sofrendo modificações quanto à construção, sente-se mesmo queda no padrão de vida de seus moradores, e a menor influência da baixada

Na vertente da serra do Cabucu as casas se distribuem, apenas, no seu sopé, o mesmo já não acontece nas serras do Viegas e Lameirão, onde a ocupação se faz até o alto. Também na serra do Rio da Prata, a declividade suave de suas vertentes permite o avanço da ocupação até a linha de cumiada

Nas vertentes ocupadas, a comunicação se faz através de picadas, pequenas trilhas ou caminhos tortuosos e pedregosos.

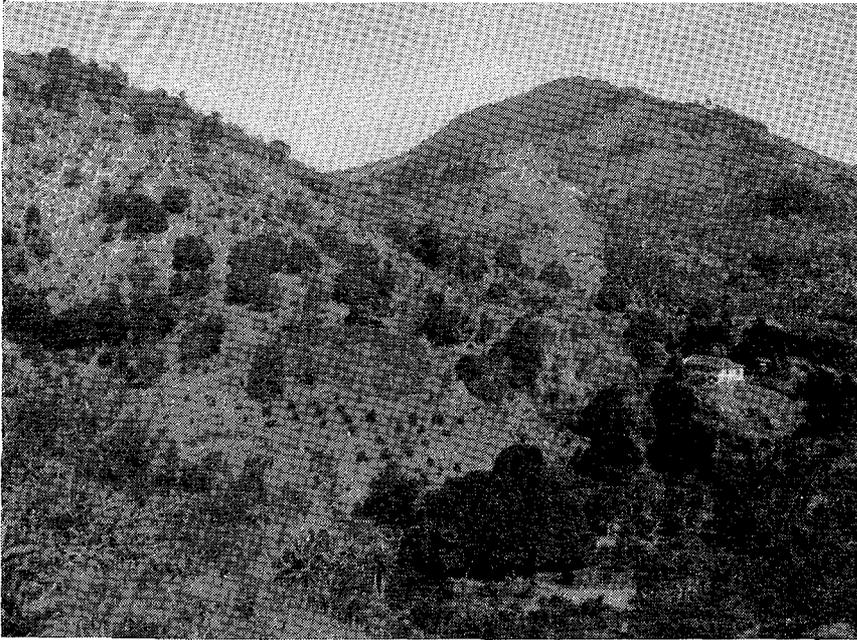


Fig 6 — Pequeno vale afluente ao sul do largo do Rio da Prata. Encosta com laranjal irregular, mal cuidado, entremeado de mangueiras. Ainda no primeiro plano, blocos rochosos.

(Fot. N. Bernardes)

Ante essa variedade de paisagens, de “baixada” e “encosta”, com seus contrastes e suas características próprias, um certo interesse surge para o pesquisador, que é o de saber quais seriam as causas dessas diferenças, seriam físicas? seriam ocasionadas pela evolução histórica ou pela evolução econômica? pelo regime de propriedade, ou pelas diferenças culturais de seus elementos?

III — PAISAGENS RURAIS

Tentaremos agora analisar as causas das diferenças de paisagens sugeridas no capítulo anterior, examinando, separadamente, as áreas de planície e de montanha:

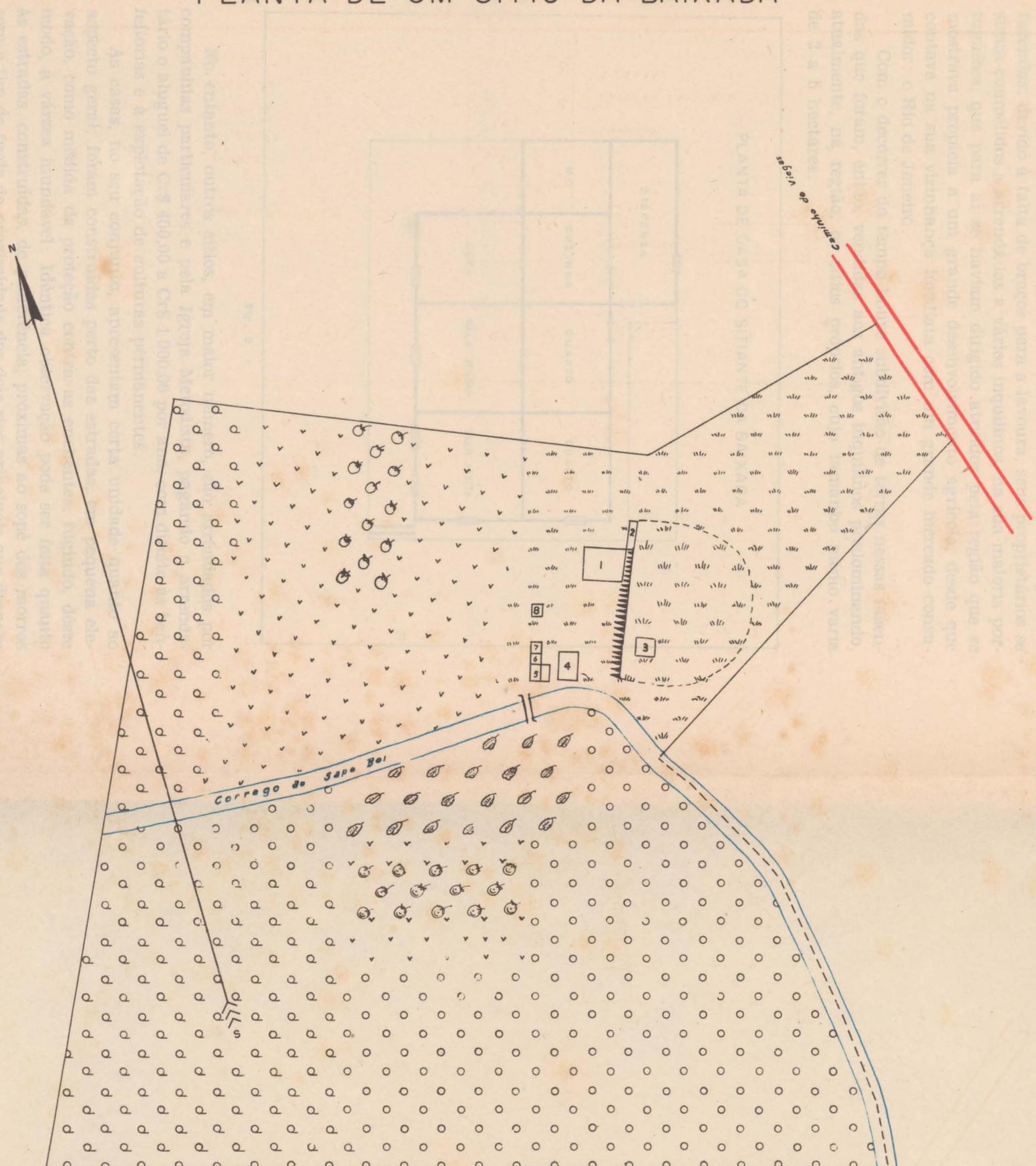
1 — A baixada

Em uma área aproximada de 8,5 quilômetros quadrados estabeleceu-se uma população constituída, na maioria, de pequenos lavradores, que vivem exclusivamente do trabalho da terra, na luta quotidiana do seu preparo, do trato das culturas e da colheita dos produtos.

A função agrícola, embora já exista certa penetração da vida urbana através dos loteamentos, ainda continua a dominar a vida regional.

O *habitat*, de modo geral disperso, apresenta as casas não muito distantes umas das outras, o que revela que os sítios são relativamente pequenos, prevalecendo, portanto, um regime de pequena propriedade.

PLANTA DE UM SÍTIO DA BAIXADA



Área: 38.108

ESCALA: 1:1.000

- 1 - SEDE
- 2 - CASA DE EMPREGADO
- 3 - " " " "
- 4 - BARRACO
- 5 - CHIQUEIRO
- 6 - DEPOSITO
- 7 - COCHEIRA
- 8 - GALINHEIRO

	HORTALIÇAS
	TOMATAL
	XUXUZAL
	LARANJAL
	LARANJAL ASSOCIADO
	Á BANANA

	CAPINZAL
--	----------

Do que se tem conhecimento, outrora aí existiram cinco grandes fazendas; devido à falta de braços para a lavoura, seus proprietários se viram compelidos a arrendá-las a vários inquilinos, na sua maioria portugueses, que para aí se haviam dirigido atraídos pela região que se mostrava propícia a um grande desenvolvimento agrícola, desde que contava na sua vizinhança imediata com um grande mercado consumidor. o Rio de Janeiro

Com o decorrer do tempo houve subdivisão de terras nessas fazendas que foram, então, vendidas aos antigos inquilinos predominando, atualmente, na região, os sítios próprios, cujo tamanho médio varia de 2 a 5 hectares.

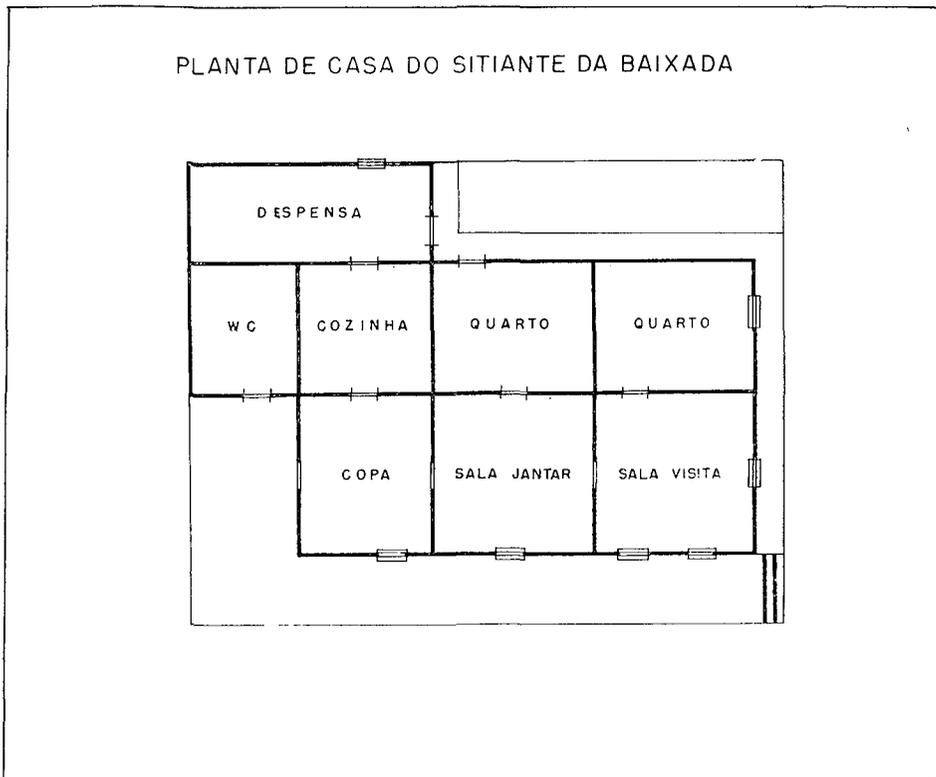


Fig 8

No entanto, outros sítios, em maior número, são arrendados por companhias particulares e pela Igreja Metodista, pagando o arrendatário o aluguel de Cr\$ 400,00 a Cr\$ 1 000,00 por ano, com direito às benfeitorias e à exploração de culturas permanentes

As casas, no seu conjunto, apresentam certa unidade quanto ao aspecto geral, foram construídas perto das estradas, em pequena elevação, como medida de proteção contra as enchentes, fugindo, deste modo, à várzea inundável. Idêntica observação pode ser feita quanto às estradas construídas, de preferência, próximas ao sopé dos morros com o fim de fugir da proximidade dos dois rios principais que drenam a baixada: o Batalha e o rio da Prata.

Atualmente, com a retificação do curso desses rios e a construção de valetas de drenagem, o problema deixou de ter importância, e vemos então, atravessando a parte mediana da baixada, a mais importante via de comunicação, hoje asfaltada, que é a estrada do Cabuçú

Também em relação ao *habitat* não se verifica mais êsse imperativo de fugir à proximidade dos rios, mas a disposição primitiva persiste ainda na paisagem.

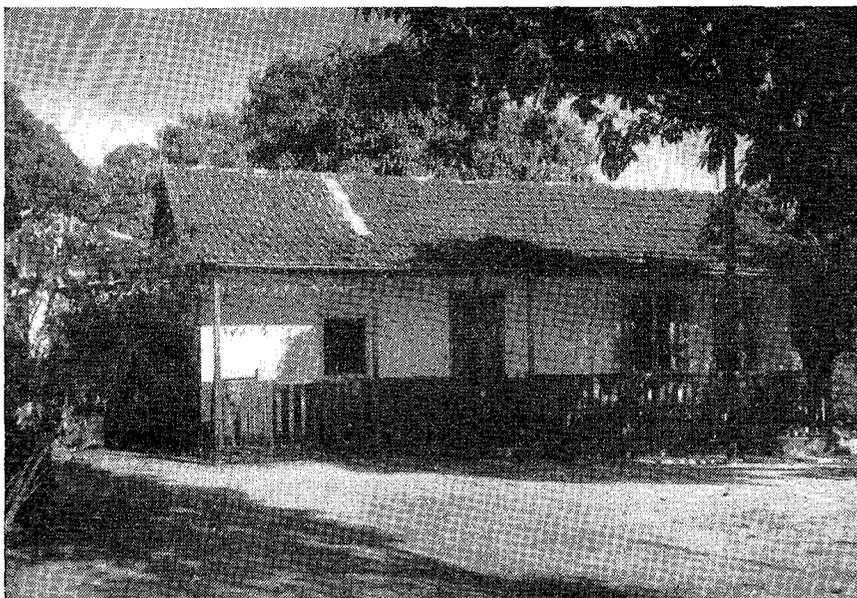


Fig 9 — Habitação típica de sítante proprietário da baixada
(Fot H Muñoz)

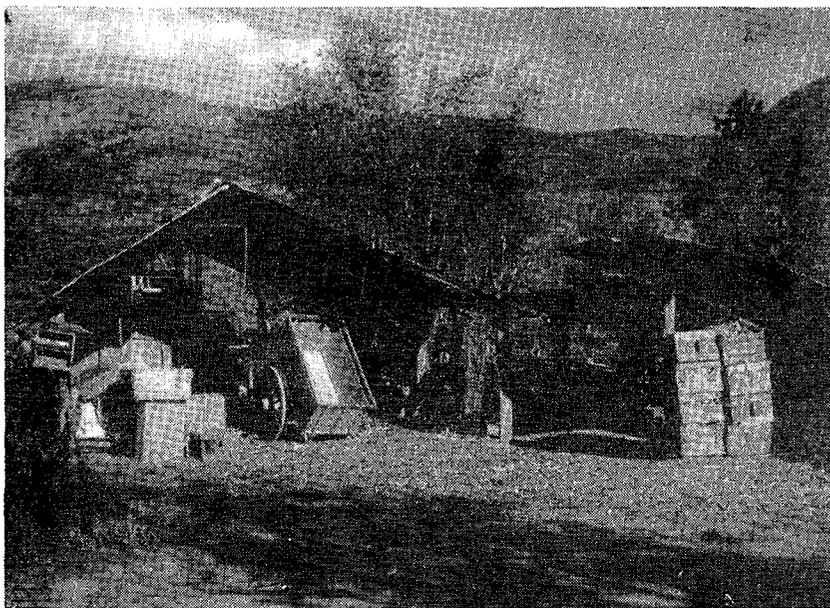


Fig 10 — O barraco, uma das dependências do sítio
(Fot H Muñoz)

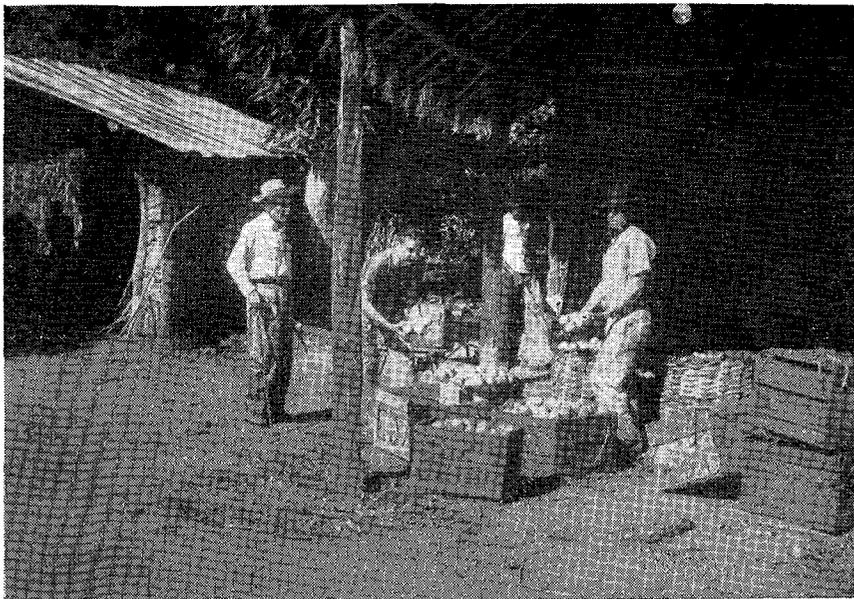


Fig 11 — *Sitiante fiscalizando os empregados no trabalho de encaixotamento da laranja*
(Fot H Muñoz)

Casas de luxo surgem esporadicamente, e seus proprietários, embora com maiores possibilidades econômicas, dedicam-se também à lavoura com fim comercial, o que surpreende o observador que, à primeira vista, pensa tratar-se de sítios de veraneio

A volta da habitação do sitiante, aglomeram-se outras dependências, tais como o barraco onde são lavadas as laranjas atacadas pela fumagina, e onde se faz o encaixotamento da mercadoria, um pequeno depósito para os instrumentos da lavoura e, ainda, o galinheiro e o chiqueiro

Bem próximo à moradia do sitiante é comum ver-se a casa do empregado, apesar de menos confortável, é, também, construída de “material”²

Ordinariamente, o sitiante é lavrador e com êle trabalham os membros da família. Entretanto, a cooperação dos filhos é limitada, pois, enquanto menores e adolescentes, são encaminhados às escolas, e, quando adultos, sentem-se atraídos por atividades mais rendosas na cidade, restando-lhes pouco tempo para se dedicarem ao trato da terra

Assim é que o lavrador se vê na contingência de contratar empregados que, algumas vezes, trabalham por empreitada, recebendo por pé de laranja capinado, outras vezes, percebem mensalidades ou diárias para a realização de todo e qualquer serviço do sítio, ficando com direito à moradia

Como centro de tôdas as atividades da região, a baixada é a zona mais bem aproveitada do ponto de vista agrícola, devido em grande parte à fertilidade de seus terrenos aluviais.

² “Casa de material” é a expressão usada no local para designar as casas construídas de cimento e tijolos com cobertura de telhas

Essa zona se caracteriza, essencialmente, pelo desenvolvimento da policultura, sendo que as culturas de frutas, e, mais recentemente, as de hortaliças, constituem as principais formas de ocupação da terra.

O grande desenvolvimento da fruticultura na baixada se explica pela proximidade do importante centro do Rio de Janeiro, e pela facilidade e rapidez dos meios de comunicação. Concorrem também para êsse desenvolvimento as condições locais de clima e solo, que facilitam a adaptação das frutas aí cultivadas, como cítricos, banana, mamão, abacate e manga

A laranja, comum em todos os sítios, quer próprios quer de arrendatários, aparece como um dos mais importantes produtos comerciais, fornecendo aos sitiantes uma das principais fontes de renda.



Fig 12 — *Belo laranjal na baixada*

(Fot H Muñoz)

Cultivada, inicialmente, por lavradores brasileiros, teve sua cultura aumentada quando da instalação dos portugueses nessa zona, há cerca de quarenta anos atrás. Como vissem nesse produto uma fonte lucrativa, aumentaram a sua produção, ao mesmo tempo que introduziram a horticultura, que veio contribuir para o desenvolvimento agrícola geral da região.

A grande produção de laranja sofreu, por vêzes, oscilações, sendo que uma delas coincide com a crise econômica de 1929 a 1930. Passada essa fase, a laranja recobra o seu equilíbrio, atingindo em 1939 a época de sua maior produção. Cultivava-se então, em maior escala, a laranja pêra que, pela vantagem de não se deteriorar facilmente, era destinada à exportação através dos "packing-house".

Em conseqüência da guerra de 1939, nova crise sofreu a produção citrícola, atingida pelo fechamento dos mercados externos e agravada pela falta de gasolina, indispensável ao transporte que se fazia todo por rodovias.

Atualmente a laranja recuperou, em parte, sua posição de realce, porém, agora destinada ao abastecimento do mercado interno, e daí, a primazia do cultivo da laranja lima, que é mais apreciada

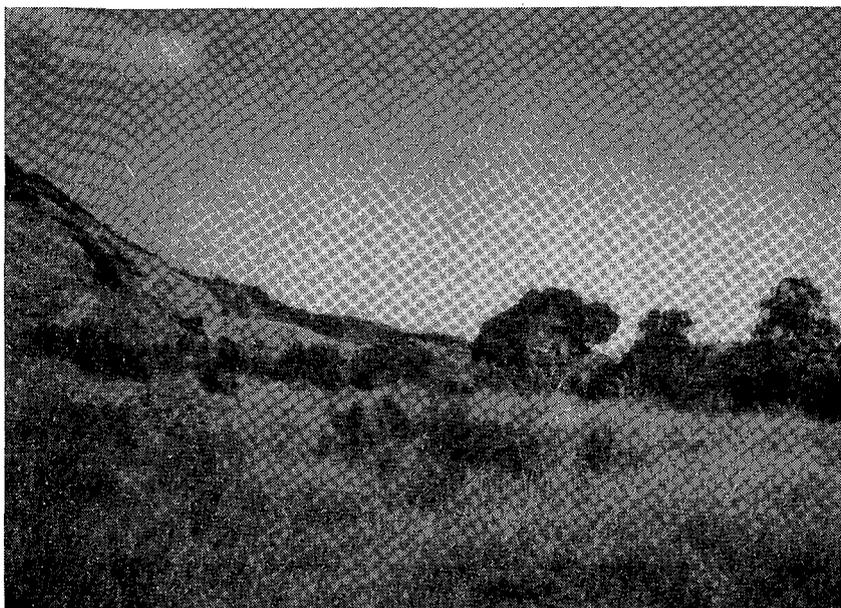


Fig 13 — Laranjal abandonado invadido pelo capim Área destinada a futuro loteamento

(Fot H Muñoz)

Alguns dos laranjais foram abandonados, não só pela crise que sofreu a laranja com o fechamento dos mercados externos e queda de preço, como também, pelo maior interêsse demonstrado pelo proprietário em lotear essas áreas que se valorizam em conseqüência dos meios de comunicação que se tornavam mais fáceis. Outra conseqüência dessa maior valorização dos terrenos da baixada foi a expansão dos laranjais pelas encostas.

Generalizadas por tôda a baixada e também em quase todos os sítios encontramos frutas diversas que, em alguns casos, são plantadas com fim comercial, e, em outros, para consumo, sendo, então, vendido o excedente.

Os bananais, apesar de serem cultivados em tôda a baixada, onde uma relativa umidade permite o seu desenvolvimento, são mais comuns na serra, onde encontram condições mais propícias ao seu pleno rendimento

A boa qualidade do solo também permite a cultura do mamão, que está bem difundida pela baixada.



Fig 14 — Mamão, hoje plantado em menor escala, foi, em outros tempos, uma das culturas mais difundidas na baixada (Fot H Muñoz)

Sua cultura desenvolveu-se com a vinda dos portugueses para o Rio da Prata, e chegou mesmo a alcançar uma fase de grande produção entre os anos de 1925/30, quando ia prover até os mercados consumidores de São Paulo

Ao lado da fruticultura, a horticultura, condicionada pela topografia plana, pelas possibilidades de irrigação e pelo fértil solo aluvial, é uma das mais importantes modalidades de uso da terra na baixada.

O seu desenvolvimento culminou com a fase de declínio da produção da laranja na crise de 1939, quando os lavradores abandonavam os laranjais e se dedicavam a este outro tipo de exploração mais rendosa.

Devido às exigências quanto à assistência técnica e abundância de mão-de-obra, a horticultura tem melhor desenvolvimento nos sítios de propriedade particular, onde as disponibilidades financeiras de seus proprietários possibilitam a sua maior expansão, ao contrário do que observamos em relação à fruticultura, que se desenvolve indiferentemente em qualquer espécie de propriedade

A falta de braços para a lavoura, problema geral que na região se agrava consideravelmente pela concorrência, nem sempre vantajosa para a zona rural, exercida pelas áreas urbanas no mercado de trabalho, faz com que a atividade do lavrador, no trato das hortaliças, seja muito maior, ele é apenas compensado, no seu esforço, pela garantia e proximidade de mercado consumidor estável e pela facilidade de meios de transporte, que afastam a necessidade de intermediários na venda dos produtos.

As principais hortaliças cultivadas são a couve, a alface, o quiabo e o tomate. Plantado segundo técnicas modernas, é o tomate cultura exigente, pois, além de necessitar de terreno adubado química e orgânicamente, requer assistência constante. Seu cultivo se iniciou há cinco anos e tem apresentado bons resultados

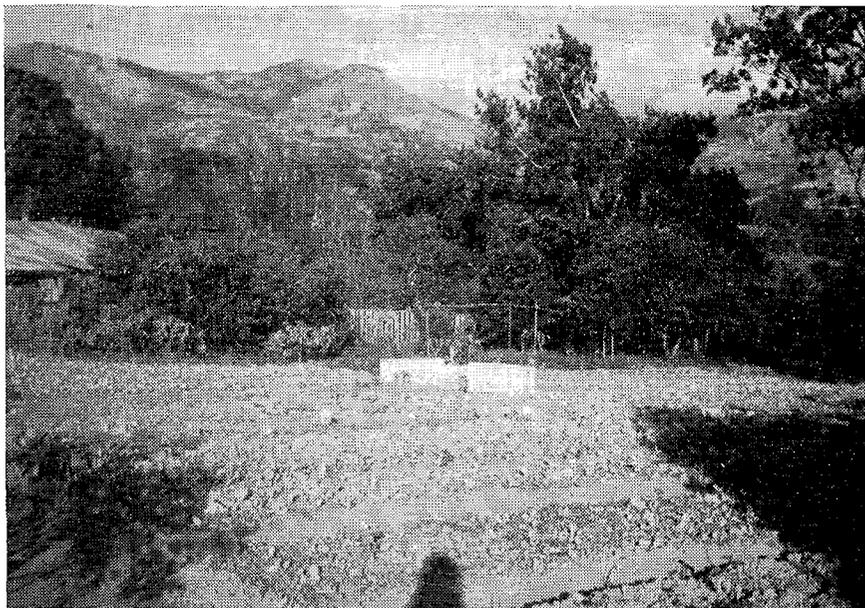


Fig 15 — *Cultura de hortaliças, uma das formas de ocupação da baixada*
(Fot H Muñoz)

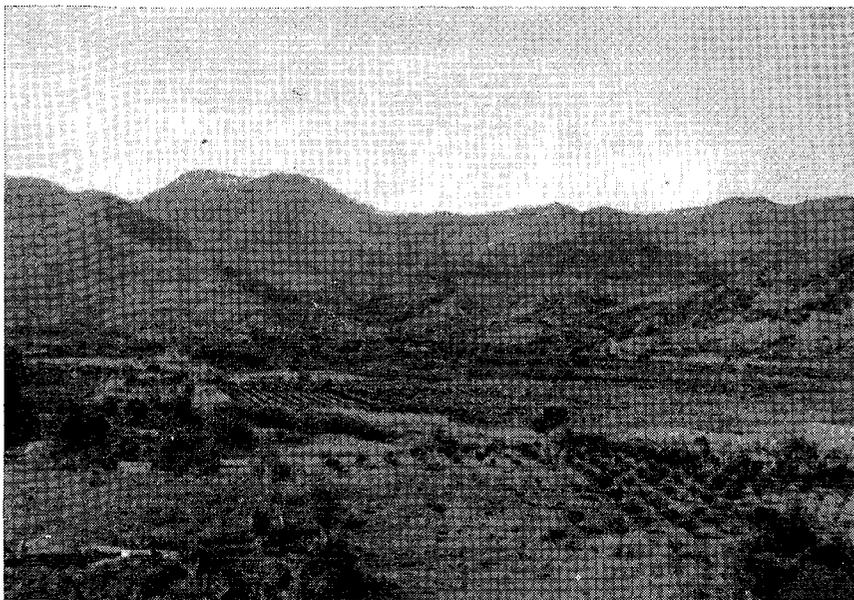


Fig 16 — *Viçoso tomatal de um dos sítios do Rio da Prata*
(Fot H Muñoz)

Ao lado das hortaliças e das frutas desenvolvem-se outras culturas secundárias, tais como a cana, o aipim, o chuchu, o jiló e o milho, produtos destinados não só à subsistência, como também à venda, embora em menor escala.

A cana-de-açúcar, outrora produto comercial da baixada foi, com o tempo, sendo substituída por outras culturas; entretanto, ela permaneceu num largo trecho ao longo da estrada do Lameirão Pequeno. Esse tipo de ocupação, no entanto, aí foi mantido por interesse do proprietário de um dos grandes canaviais, que assim procedeu por auferir bons lucros com a manutenção de casas de caldo de cana em vários pontos do Distrito Federal. Outros sitiantes, com propriedades também nesse trecho, apesar de não serem vendedores de caldo de cana, têm compradores assegurados, o que lhes dá certa garantia no comércio desse produto.

Em alguns sítios o aipim, o jiló e o quiabo são associados à laranja e ao limão, não só para aproveitar o terreno adubado como também pela facilidade que encontra o lavrador no trabalho das culturas num mesmo terreno já preparado.

A baixada, por ser uma região plana e não sofrer o risco da erosão, apresenta tôdas as vantagens para a aplicação de máquinas na lavoura e, em consequência, maior aproveitamento do solo com maior rendimento agrícola. Entretanto, devido ao pequeno desenvolvimento técnico da zona, a utilização de máquinas agrícolas é pouco difundida. Apenas alguns sitiantes empregam arados nas suas lavouras. O mais comum é o uso de enxadas e outros instrumentos manuais. O adubo orgânico, geralmente usado na horticultura e difundido em quase todos os sítios da baixada, denota o empenho do lavrador em melhorar suas culturas, pois sua aquisição é feita nas vacarias e granjas da estrada Rio-São Paulo pelo preço de Cr\$ 400,00 a Cr\$ 600,00 por caminhão de estrume de bois, vacas e muares, e de Cr\$ 1 500,00 por caminhão de estrume de galináceos. O adubo químico, entretanto, é pouco usado, por exigir sua aplicação maior conhecimento de agricultura. O seu emprêgo, juntamente com o estrume de galináceos, limita-se quase que exclusivamente à adubação do tomate. Os tomates, por outro lado, são pulverizados periodicamente, o que revela certo interesse do lavrador em melhorar as condições de cultivo. Também se pratica a rotação das culturas sem, contudo, obedecer a uma seqüência rígida de produtos.

O Posto Agrícola IV, de Campo Grande, vem-se esforçando com algum resultado no sentido de que sejam adotadas novas técnicas agrícolas entre os lavradores.

Essa policultura comercial variada, sobretudo quanto aos produtos de horta, é feita para compensar as oscilações dos preços dos diversos produtos e adaptada às necessidades do mercado.

Outro aspecto interessante a se estudar na baixada, é a penetração da vida urbana nesse meio rural bem característico. Em contacto com

a zona agrícola desenvolve-se, muito lentamente, uma zona urbana, cujo principal núcleo se encontra situado no largo do Rio da Prata (praça Mário Valadares), o qual será estudado à parte, pela importante influência que exerce sobre a região. No entanto, devemos ressaltar que a princípio, era muito restrito e se destinava apenas a atender os sitiantes nas suas necessidades: as “vendas”, visando ao fornecimento de gêneros indispensáveis, e os depósitos, centralizando os produtos da zona, de modo a facilitar o transporte e o escoamento da produção. Já o loteamento que se está processando vem dar a certas áreas feição nitidamente urbana.

A principal área loteada é a Vila Jardim Campo Grande, que cobre cerca de 950 000 metros quadrados. Demarcada em 1928, parte da mesma ficou reservada ao cultivo de laranjais, que pouco a pouco foram desaparecendo.

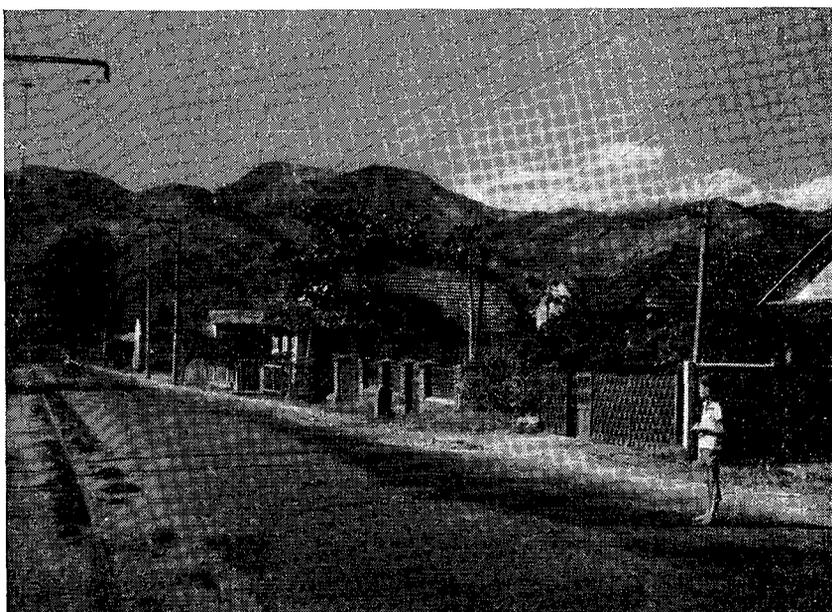


Fig. 17 — Casas da Vila Jardim Campo Grande, na estrada do Cabuçu, principal via de comunicação.

(Fot. H. Muñoz)

Essa vila surgiu, não motivada pela valorização de terras ou construção de estradas, como seria natural, mas sim pelo interesse particular da família do proprietário. Daí não ter sido seguida por outras iniciativas semelhantes.

Posteriormente, com a eletrificação dos trens da Central, em 1941, com o asfaltamento da estrada do Cabuçu e com a criação de uma linha de “auto-lotação” ligando Campo Grande a Rio da Prata, condições novas surgiram, favorecendo então o desenvolvimento de uma vida urbana, concretizada nos diversos loteamentos feitos.

Em consequência disso, os terrenos têm-se valorizado bastante; assim, um lote de 10 m x 30 m, na Vila Jardim que, em 1928, era vendido a Cr\$ 1 000,00 passou a Cr\$ 50 000,00 atualmente.

O mais recente dos loteamentos, localizado na estrada do Cabuçu, próximo à praça Mário Valadares, avança sobre a zona agrícola, ostentando modernas construções, em contraste com ela.

Os habitantes que se estabeleceram nessas áreas loteadas e que, a princípio, se dedicavam à lavoura trabalhando em sítios próximos, atualmente exercem atividades urbanas. Alguns são operários, outros comerciantes, outros ainda, funcionários públicos, trabalhando no centro da cidade, ou nos diversos subúrbios. Revela-se assim na pequena zona do Rio da Prata, uma incipiente função residencial.

Apesar de não ser muito intenso o movimento de loteamento de terras em Rio da Prata, e de haver mesmo certa resistência por parte de seus moradores, a tendência natural é de se urbanizar futuramente, como as demais áreas do Distrito Federal, devido ao crescimento incessante e rápido da cidade do Rio de Janeiro e de seus subúrbios.

2 — As encostas

Circundam o amplo anfiteatro do Rio da Prata as encostas das serras do Viegas, Lameirão, Cabuçu e Rio da Prata.

As serras do Viegas e Lameirão, de um lado, e de Cabuçu, de outro, têm suas lombadas orientadas na mesma direção sudoeste-nordeste. Assim, pois, as vertentes que cercam o anfiteatro apresentam contrastes acentuados pela exposição diferente, contrastes estes que aparecem na vegetação, na ocupação do solo e na disposição do *habitat*.

Chamou-se “soalheira” ao tipo de encosta que caracteriza a vertente do Cabuçu, e “noruega”, ao tipo que caracteriza as serras do Viegas e Lameirão.

a) Cabuçu

A vertente norte do morro do Cabuçu se apresenta coberta, na sua maior área, por vegetação rasteira, rala e de pequeno porte. A declividade da encosta facilita o trabalho da erosão, ocasionando o afloramento do embasamento rochoso, a formação de “boulders”, que, aliados a uma maior exposição aos raios solares pela orientação da vertente, diminui a umidade do solo, dificulta a regeneração da capoeira, e mais a pequena espessura dos solos e o seu rápido esgotamento, tornam precária a ocupação agrícola.

Na paisagem atual a ocupação dessa encosta se restringe a alguns bananais, plantados nos grotões, e a laranjais irregulares, mal cuidados, que avançam da baixada para a serra, aproximadamente, até a curva de nível de 100 metros. Mangueiras e abacateiros, algumas vezes se associam às laranjeiras, quebrando um pouco a monotonia dessa paisagem. Faz-se ainda, em pequena escala, cultura de subsistência.

Tôda laranja produzida é comercializada, e a laranja pêra é vendida aos "barracões" de exportação de Campo Grande, embora sua produção se verifique em menor escala que as demais.

Inicialmente, essa encosta foi ocupada com lavouras de aipim, milho e feijão, que, cultivados sem nenhuma técnica, contribuíram para maior esgotamento dos solos.

Como em tôda zona do Rio da Prata o *habitat* é disperso, mas em virtude da declividade das vertentes, não há uma disposição das casas à meia encosta, elas se encontram alinhadas no seu sopé, acompanhando a curva de nível de 40 metros, aproximadamente.

Apesar de se tratar de sítios próprios, o aspecto das casas é modesto. Construídas de "material", tôdas elas têm o terreiro, que as antecede, e que se estende até a estrada dos Caboclos, aproveitados com pomares de frutas diversas.

Entre essas casas, subsiste a sede da fazenda da Cachoeira, uma das mais antigas da região, contrastando com as demais, quanto à sua construção, que é tipicamente colonial.



Fig 18 — Antiga fazenda da Cachoeira. A casa, em estilo colonial, contrasta com as construções atuais

(Fot. E. Rodriguez)

Na época da cultura canavieira, aí funcionou um engenho com destilaria, fornecendo cachaça aos colonos do Rio da Prata.

É interessante ressaltar que os pequenos sítios do Cabuçu se constituem, geralmente, de terrenos na baixada e na encosta, sendo que a parte da baixada é sempre mais utilizada, pois, como foi dito linhas atrás, é difícil a ocupação da encosta.

b) *Viegas e Lameirão*

Estando as vertentes sul das serras do Viegas e Lameirão menos expostas à insolação e menos protegidas dos ventos úmidos e das chuvas, a vegetação aí se apresenta mais densa e exuberante.

Muito embora os seus solos sejam rasos, e nêles também se encontrem afloramentos rochosos, a vegetação se regenera, formando mata com árvores altas e de espécies diversas.

Quanto à utilização da terra, seria maior se, para a derrubada das capoeiras, não fôsse necessária licença prévia da Prefeitura; nesse caso, o sitiante, por vêzes, displicente, prefere deixar de cultivar o terreno e fazer suas plantações sempre na mesma área, a ter que se entender com as autoridades municipais.

As culturas dominantes são a banana e a laranja, cultivada de preferência na baixa encosta. Devido a grande umidade, os bananais tiveram fácil adaptação, sendo plantados não só na alta, como também na meia encosta, não se limitando mais, somente, aos grotões como na outra vertente estudada.

Em menor quantidade, com produção menos expressiva, são cultivadas outras frutas como o limão, o abacate e o mamão e, ainda, produtos de subsistência.

É estranho que, sendo a laranja cultura permanente, se cultive com tanta freqüência nessas encostas, onde os sitiantes, em grande parte, são arrendatários. Nessas condições, não seria justificável a presença dessa cultura, não estivessem êles em situação privilegiada como arrendatários da fazenda do Lameirão Pequeno, de propriedade da Igreja



Fig 19 — Habitação de um dos "inquilinos" da fazenda do Lameirão. Notar a construção moderna, o que é pouco comum entre arrendatários.

(Fot H Muñoz)

Metodista, porquanto, uma das cláusulas constantes do testamento feito pela doadora dessa propriedade, é a inalienabilidade do terreno, o que faz com que o lavrador tenha maior segurança de suas lavouras e se mantenha na fazenda. Essa fazenda ocupa uma área de 3 736 800 metros quadrados, abrangendo grande parte do Lameirão e da serra do Rio da Prata; está toda ela retalhada em pequenos sítios arrendados, em média de sete hectares. Daí suas casas terem também melhor aparência em confronto com as de outros arrendatários.

À primeira observação, o *habitat* parece de dispersão linear, pois, à semelhança do que ocorre no morro do Cabuçu, as casas se distribuem no sopé da encosta, a certa distância da estrada; mas, na realidade, tal não acontece, havendo casas dispersas em toda a vertente, até o alto do morro, ocultas pela vegetação, o que dá falsa impressão ao observador.

As casas se distribuem com maior irregularidade, como se pode observar no mapa anexo, sem nenhuma orientação definida. São servidas por pequenos caminhos tortuosos que as põem em comunicação com a baixada.

O traço comum entre as vertentes do Cabuçu, do Viegas e do Lameirão, é a estreita dependência em relação à baixada, sobretudo, no que se refere ao problema do escoamento da produção.

c) *Serra do Rio da Prata*

A ocupação humana na serra do Rio da Prata avança pela baixa, média e alta encosta, até onde as possibilidades de acesso e as ligações comerciais com a baixada o permitam.

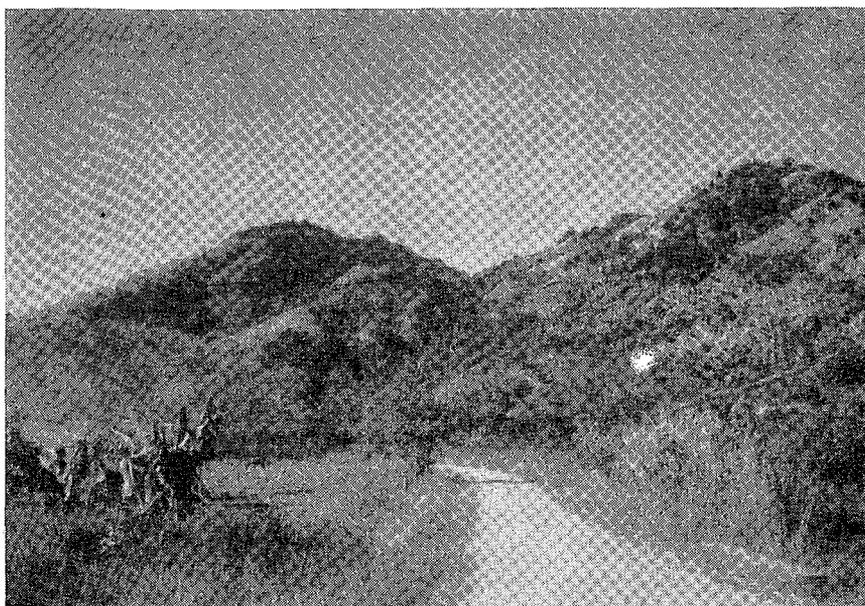


Fig. 21 — Aspecto da ocupação de uma das vertentes da serra do Rio da Prata.
(Fot. H. Muñoz)

Estende-se, portanto, de uma distância máxima, em que os produtos possam ser transportados diariamente, até a baixada, sem sofrerem demasiado os efeitos de uma longa caminhada. De modo geral, o aproveitamento desta vertente é mais intenso que o das outras estudadas, devido, em parte, à sua menor declividade.

A paisagem é diversificada, em virtude do relevo movimentado, da vegetação, da disposição e dos tipos de casas, e, em menor proporção, do diferente uso da terra.

A ocupação da baixa e da meia encosta, devido à sua proximidade do aglomerado de Rio da Prata, e do qual se beneficia, reflete maior desenvolvimento agrícola. Pequenos sítios, alguns próprios, outros arrendados, mantêm o mesmo tipo de cultura das demais encostas.

A fruticultura continua como a principal atividade econômica, sendo a laranja o mais importante produto comercial. Culturas intercaladas de aipim, quiabo, chuchu, milho, são feitas para manutenção. Entretanto, quando a produção é maior do que o consumo, o excesso é vendido.



Fig 22 — Laranjal ocupando pequena colina
(Fot H Muñoz)

Alguns princípios, ainda que primitivos, de técnica agrícola, como o uso de adubo orgânico, pulverização de laranjeiras e contornos com pequenos declives para proteção do solo, já estão sendo adotados por alguns sitiantes.

As casas pouco diferem das que se vêem na baixada, apenas são mais simples e menos confortáveis.

No vale do Rio da Prata, na estrada das Cachoeiras, elas se localizam próximas ao rio; bem junto à estrada, observa-se uma tendência

à concentração, num grupo de casas de pau-a-pique, que se apresentam alinhadas dando nota diversa ao ambiente. Pelo que se pôde apurar, essas casas são alugadas a preços ínfimos, sendo seus moradores empregados nos sítios próximos.

Nas garupas que avançam sobre a baixada, com declividades suaves, a frequência de sítios é bem grande.

A ocupação do alto da serra, devido ao maior afastamento da baixada, não sofre tanto a influência desta.

Grande parte da área ocupada é de terrenos pertencentes à União e, como tal, considerada zona de proteção de mananciais. Permitiu-se nesses terrenos a permanência de posseiros que se limitam a plantar nos antigos terrenos de cultura, e se obrigam a conservar as capoeiras.

Aí se estabeleceram há cerca de dez anos, numerosos portugueses ilhéus que, habituados às regiões montanhosas das ilhas donde procederam, ali se adaptaram com relativa facilidade enquanto os portugueses do continente preferiram fixar-se na baixada.

É interessante observar-se a influência que eles exerceram sobre o caboclo da região, principalmente quanto aos tipos e modalidades de cultura, como sejam, o plantio de "miudezas" (nabo, cenoura, quiabo e pimentão) e o emprêgo do sistema de valetas de proteção contra a erosão.

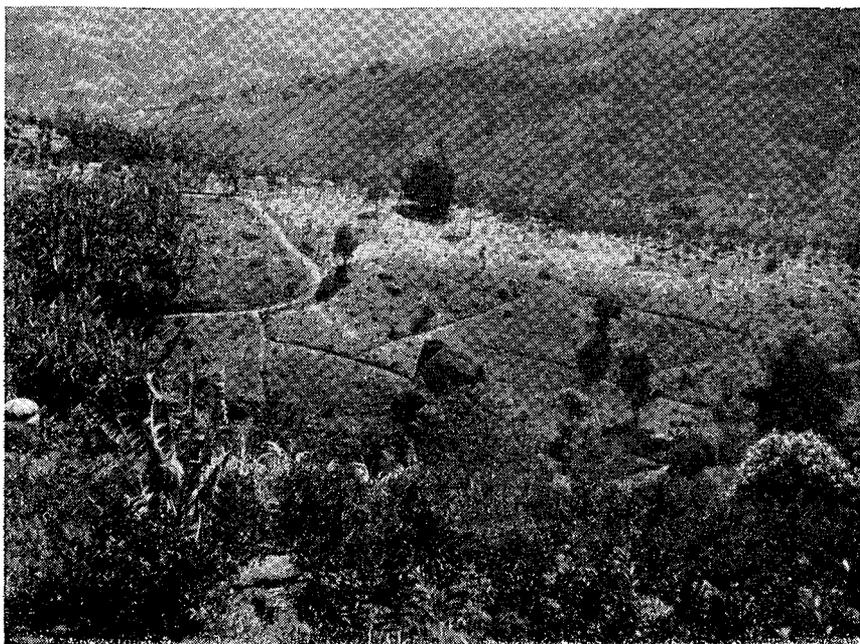


Fig 23 — As valetas de proteção contra a erosão que se observam em segundo plano, revelam as melhorias introduzidas na técnica agrícola, pelo português ilhéu na região montanhosa

(Fot N Bernardes)

É a banana uma das culturas mais antigas e atualmente dominante no alto da serra, onde as condições de clima e de solo concorrem para a sua grande produção.

O avanço da laranja, aí, tem sido lento, e a sua presença é recente, pois os laranjais datam, no máximo, de seis anos.

Cultura característica das altas encostas é o chuchu, sendo seu cultivo feito nos pequenos alvéolos que se sucedem ao longo dos vales.

Essas culturas permanentes ou temporárias, à exceção da laranja e da banana, não se fazem indistintamente, mas de acôrdo com a orientação das encostas; assim é que o mamão e o aipim são plantados na "soalheira"; o cultivo de "miudezas" é feito na "noruega", nos meses de verão, quando o terreno se apresenta menos úmido, sendo que nos meses de inverno, é feito na "soalheira".

Além de cuidar da lavoura, o sitiante da serra mantém pequena criação doméstica de aves e suínos destinados ao consumo, e, ainda, muares para o transporte dos seus produtos; entretanto, faz-se exceção para os moradores do morro dos Caboclos que, não possuindo muares, confiam suas mercadorias a um sitiante que explora êsse tipo de atividade, com uma tropa de vinte e cinco a trinta animais.

À falta de pastagem, o capim destinado à ração animal é adquirido nos sítios que se encontram nas vertentes "soalheiras". Os animais vivem em cocheiras próximas à casa de moradia; isto vem facilitar a coleta do estrume, que, misturado à palha, é curtido e usado na adubação.

As casas dos posseiros são feitas de "estuque"³, cobertas de telha ou de palha, por se tratar de terrenos da União, e não ser permitida a construção de casas de "material". Entretanto, algumas são caiadas,



Fig. 24 — Casa de um "posseiro" português ilhéu, no alto da serra do Rio da Prata
Foge ao comum por serem suas paredes externas caiadas
(Fot N Bernardes)

³ "Estuque": êsse é o termo usado, no local, para designar as casas de pau-a-pique.

quando o lavrador é cuidadoso e tem interêsse em melhorar o aspecto de sua moradia.

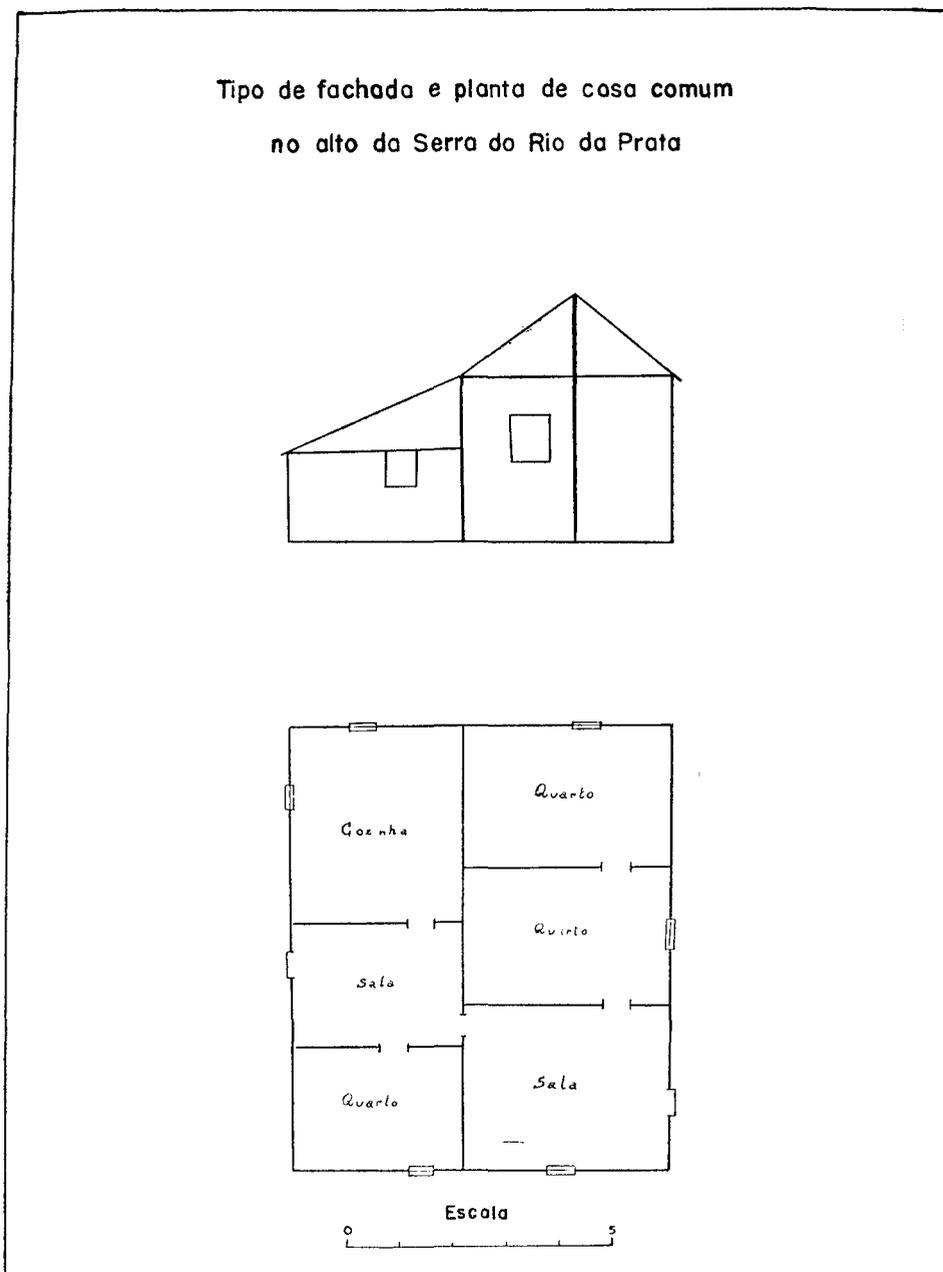


Fig 25 — Casa rústica de "posseiro" do alto da serra do Rio da Prata. Construção de estuque, barreada e coberta de telha; com poucos cômodos de pequenas dimensões

A sua distribuição é dispersa, não havendo uniformidade na escolha do local. Algumas ficam à beira dos caminhos, outras nos grotões ou próximas aos riachos. É interessante notar a irregularidade na ocupação da terra entre os posseiros que, procurando ampliar suas culturas, invadem os terrenos circunvizinhos. Daí os seus sítios terem traçado muito irregular.

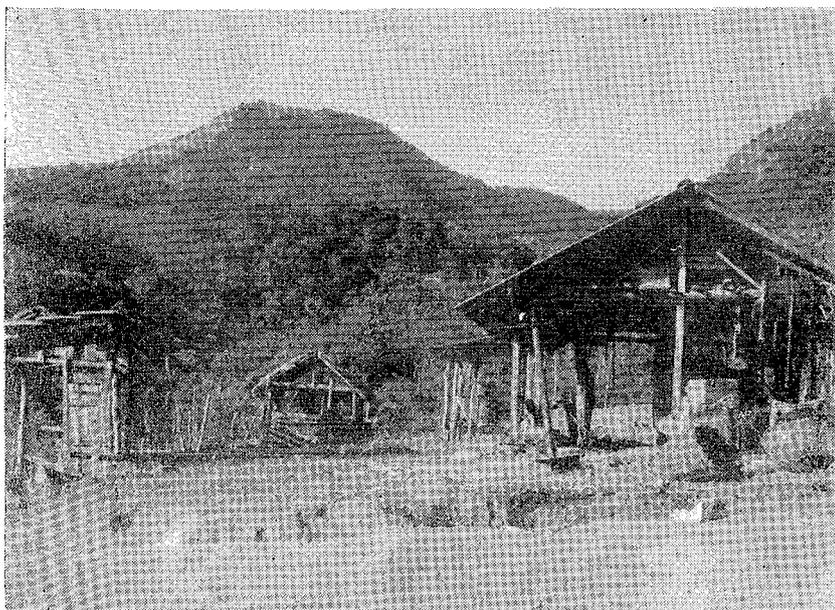


Fig 26 — O barracão, o chiqueiro e o galinheiro parte dos elementos de que se compõem os sítios do alto da serra
(Fot N Beinaides)

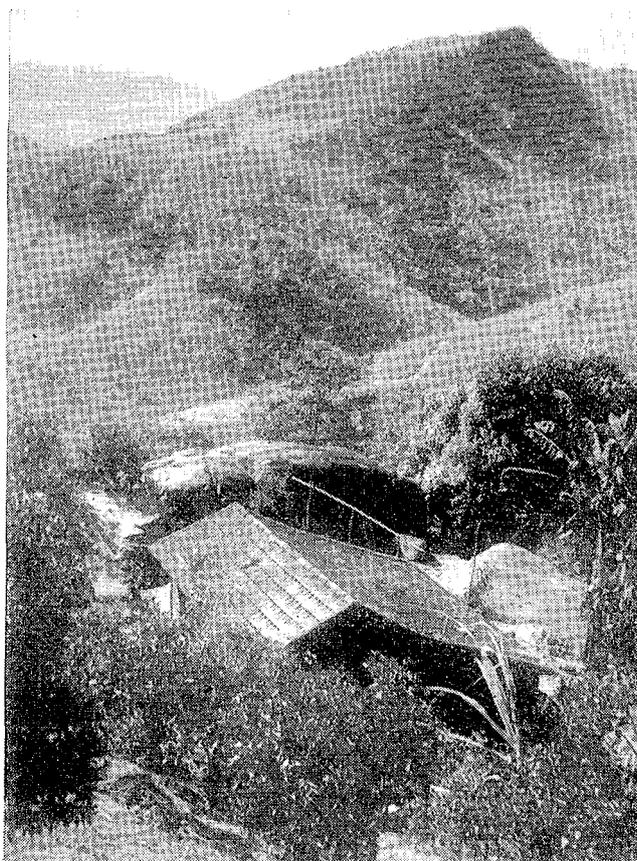


Fig 27 — Habitação de caboclo, de aspecto humilde, situada também no alto da serra, num grótão
(Fot N Beinaides)

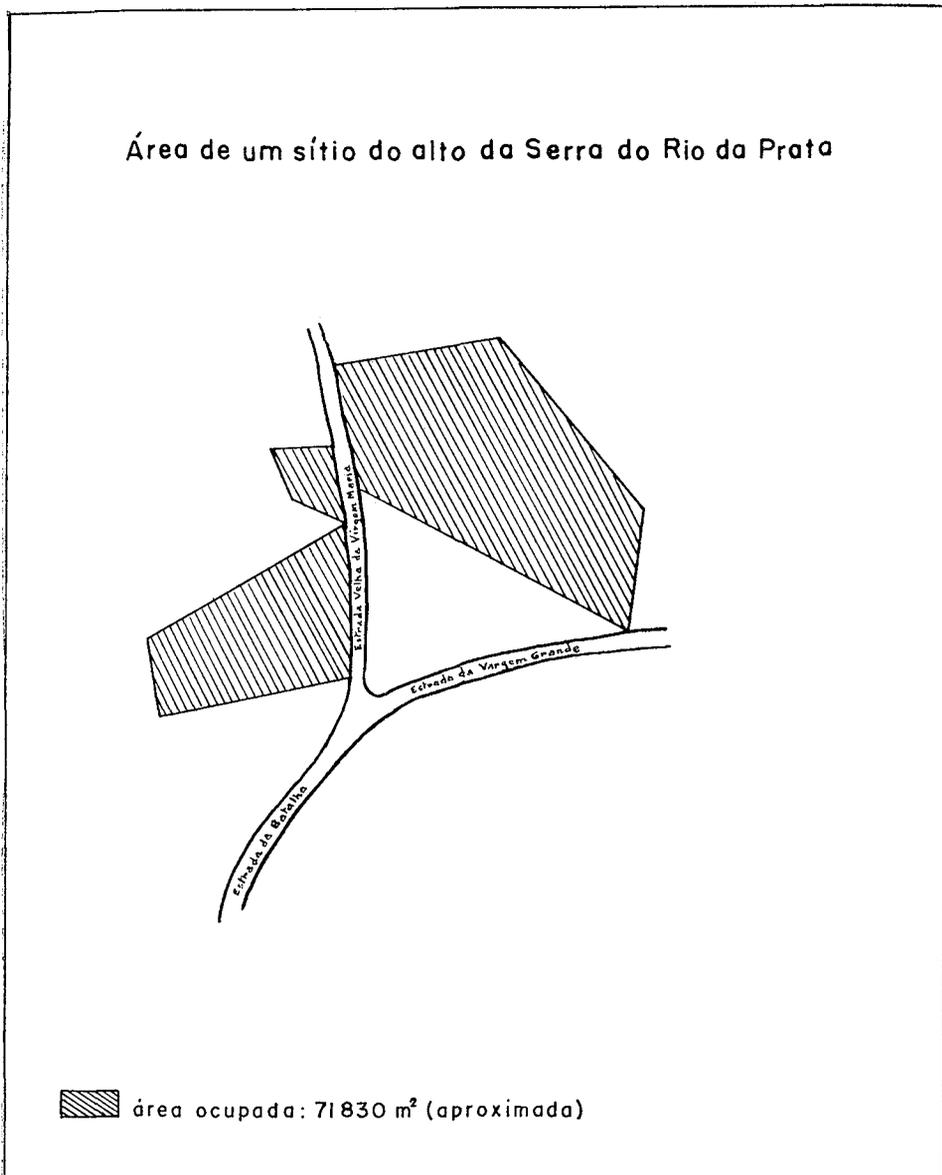


Fig 28

A comunicação com a baixada é geralmente feita através de trilhas estreitas, pedregosas, cercadas às vezes por vegetação densa. Isto torna difícil um contacto permanente da espôsa e filhas do lavrador com o núcleo urbano, ficando a família em grande isolamento

IV — RELAÇÕES ENTRE AS DIVERSAS ZONAS

A característica essencial dessa região é a estreita relação entre a montanha e a planície.

A complementação entre essas duas paisagens pode ser verificada pelo regime de propriedade existente nos morros do Lameirão e Cabuçu,

onde os sítios ocupam terras de baixada com hortaliças e de encosta com frutas.

O principal elo entre essas duas zonas é a concentração na baixada de todo o movimento comercial.

Relembrando o que o Prof. PIERRE MONBEIG diz sobre o transporte de cacau na Bahia, o mesmo se pode aplicar, com poucas variações, ao transporte usado pelo sitiante da serra, nessa zona: desde as primeiras horas da manhã assiste-se ao desfilar de tropas em pequenos grupos de três a quatro mulas, descendo a serra com jacás e caixotes, carregados de frutas, ou de outros produtos destinados à venda. Essas tropas algumas vêzes vão até o largo do Rio da Prata, e aí estacionam à sombra das árvores ou à porta dos depósitos (em número de dois), onde a mercadoria fica aguardando novo destino. Vez por outra vão apenas até o ponto terminal das estradas carroçáveis, onde deixam a carga que será recolhida pelo caminhão que a levará a seu destino.

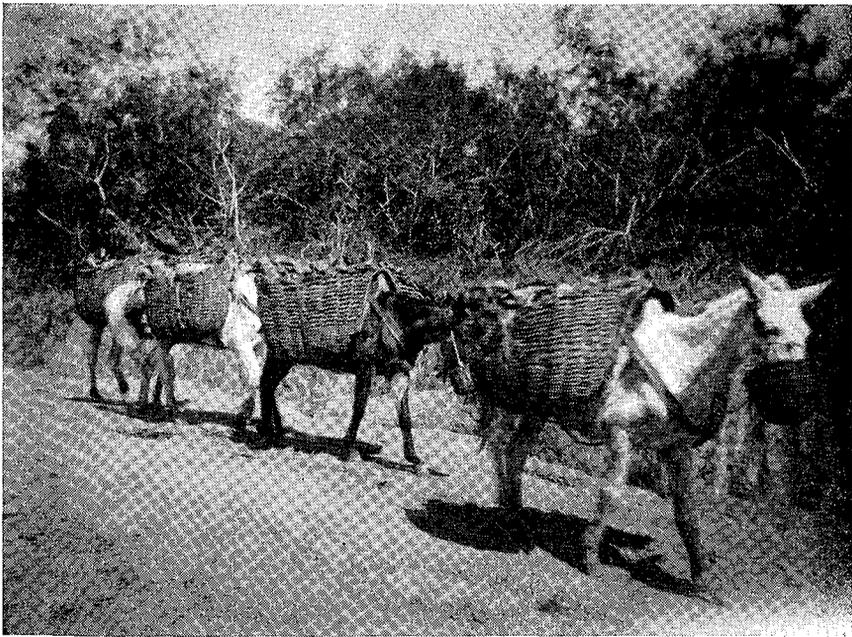


Fig 29 — Tropa descendo a serra com carregamento de banana para ser depositada no "largo", donde será transportada por caminhões

(Fot H Muñoz)

Já na baixada, o transporte é feito por caminhões que aí têm fácil circulação. Os lavradores, cujos sítios se situam nas estradas principais, deixam os "pregados" (como são chamados os dois caixotes juntos) colocados à beira da estrada, ou junto aos portões do sítio; e os que moram mais afastados, fora do itinerário seguido pelo caminhão, depositam sua carga nas encruzilhadas.

O trabalho de transporte é cobrado a frete, à razão de Cr\$ 5,00 a Cr\$ 7,00 o caixote, e o dôbro ao "pregado", variando o preço de acôrdo com a distância onde esteja localizada a mercadoria.

Tôda a produção do Rio da Prata é destinada, principalmente, ao consumo da cidade do Rio de Janeiro, onde é vendida, ao Mercado Municipal e ao de Francisco Eugênio (praça da Bandeira) e ainda às feiras

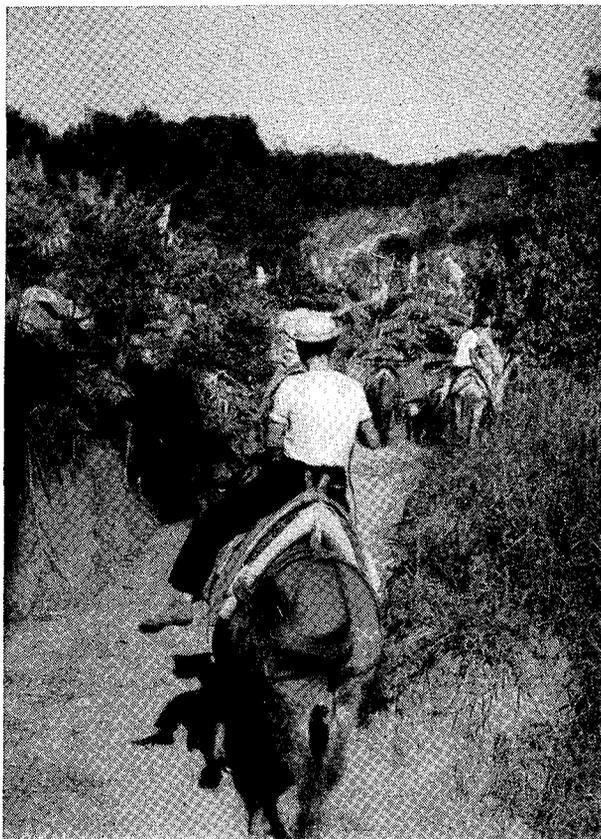


Fig 30 — Retôrno dos tropeiros com os produtos adquiridos no largo do Rio da Prata

(Fot N Bernardes)

livres dos diversos bairros da cidade, e também ao mercado de Madureira e às feiras organizadas nos subúrbios. Há preferência dos lavradores em vender seus produtos nas feiras livres e aos mercados de Francisco Eugênio e de Madureira, poi aí a venda é feita diretamente ao consumidor pelo próprio sitiante, por um dos membros da sua família ou por um dos seus empregados. Quando a produção se destina ao Mercado Municipal, o lucro é menor, pois a mercadoria é vendida a um intermediário que a adquire por baixo preço.

Diariamente convergem para o largo do Rio da Prata, centro de tôdas as atividades comerciais da região, cêrca de trinta a quarenta toneladas de produtos da lavoura que são então distribuídos às diversas fontes consumidoras.

V — FUNÇÕES DO LARGO DO RIO DA PRATA

Além da função centralizadora dos produtos da região, no largo do Rio da Prata desenvolve-se pequena atividade comercial através de armazéns, vendas e bares, onde o sitiante se provê de gêneros alimentícios e objetos de uso doméstico. Aliás, foi essa a origem desse núcleo urbano, outrora pequeno centro de reunião dos tropeiros, que se restringia a uma “venda” bem sortida, um verdadeiro bazar de gêneros, quinquilharias, instrumentos de lavoura, etc, e a dois barracões de depósito de banana, então monopolizada por um dos sitiantes da região que a revendia ao Mercado Municipal. Com a instalação da linha de bonde, ocorrida há trinta anos, esse núcleo tomou novo impulso, que mais se acentuou com a recente criação de uma linha de “auto-lotação”.

É interessante assinalar a sua influência no que concerne às técnicas de trabalho, às ideologias políticas, religiosas e culturais, pois que, é nesse largo de aparência diminuta, que estão localizadas a Intendência Agrícola, o pôsto médico, a capela e a escola

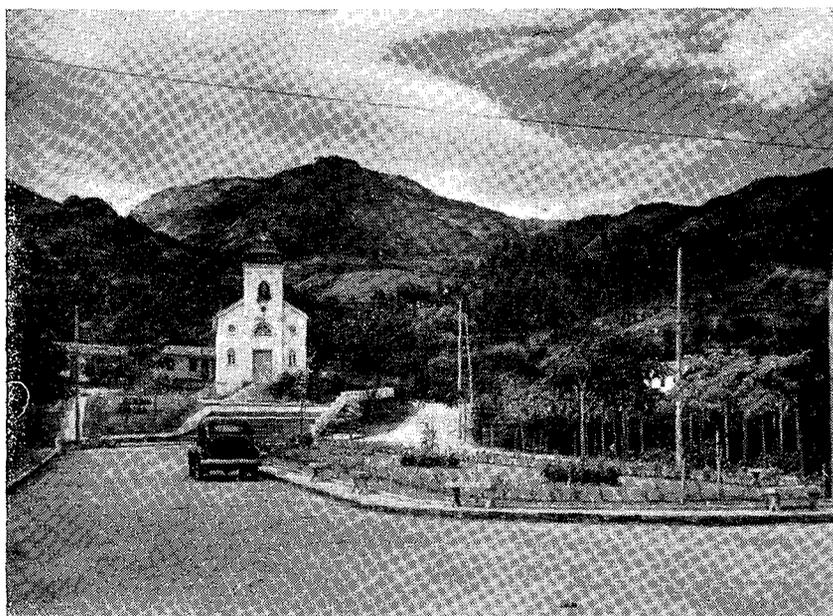
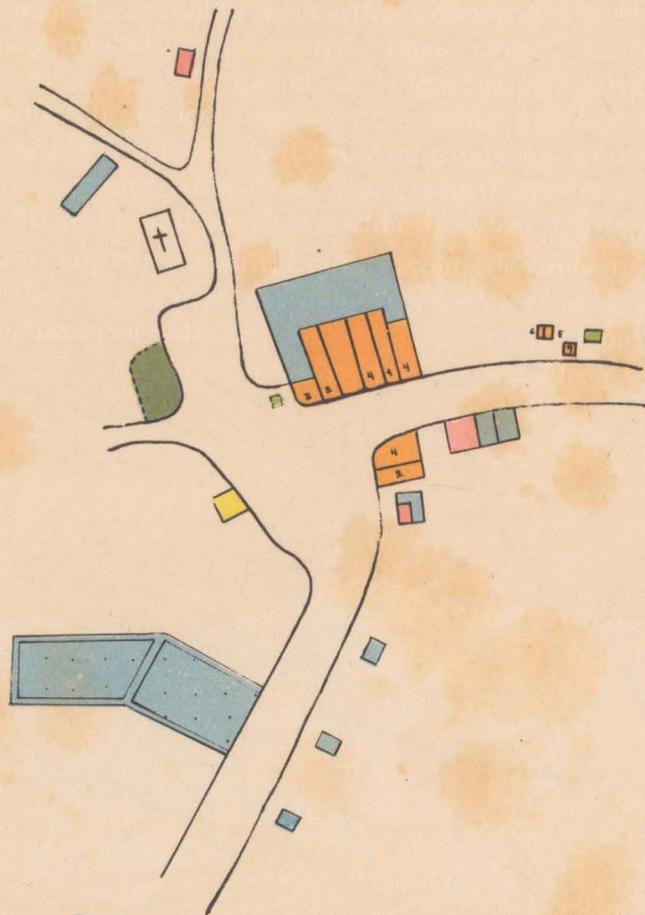


Fig. 32 — Trecho do largo do Rio da Prata, vendo-se, ao fundo, a capela

(Foto H. Muñoz)

Não se pode deixar de fazer referência à função residencial que se vem desenvolvendo condicionada pela facilidade de comunicação com Campo Grande. Assim, os moradores do largo exercem atividade mista, pois, além de desempenharem suas funções na cidade, ainda se dedicam a uma pequena lavoura de hortaliças e frutas, em propriedades cujo tamanho médio varia de um a dois hectares. O proprietário, com maiores possibilidades econômicas, mantém empregados para cuidar da lavoura e, bem assim, vender seus produtos nas feiras ou mercados.

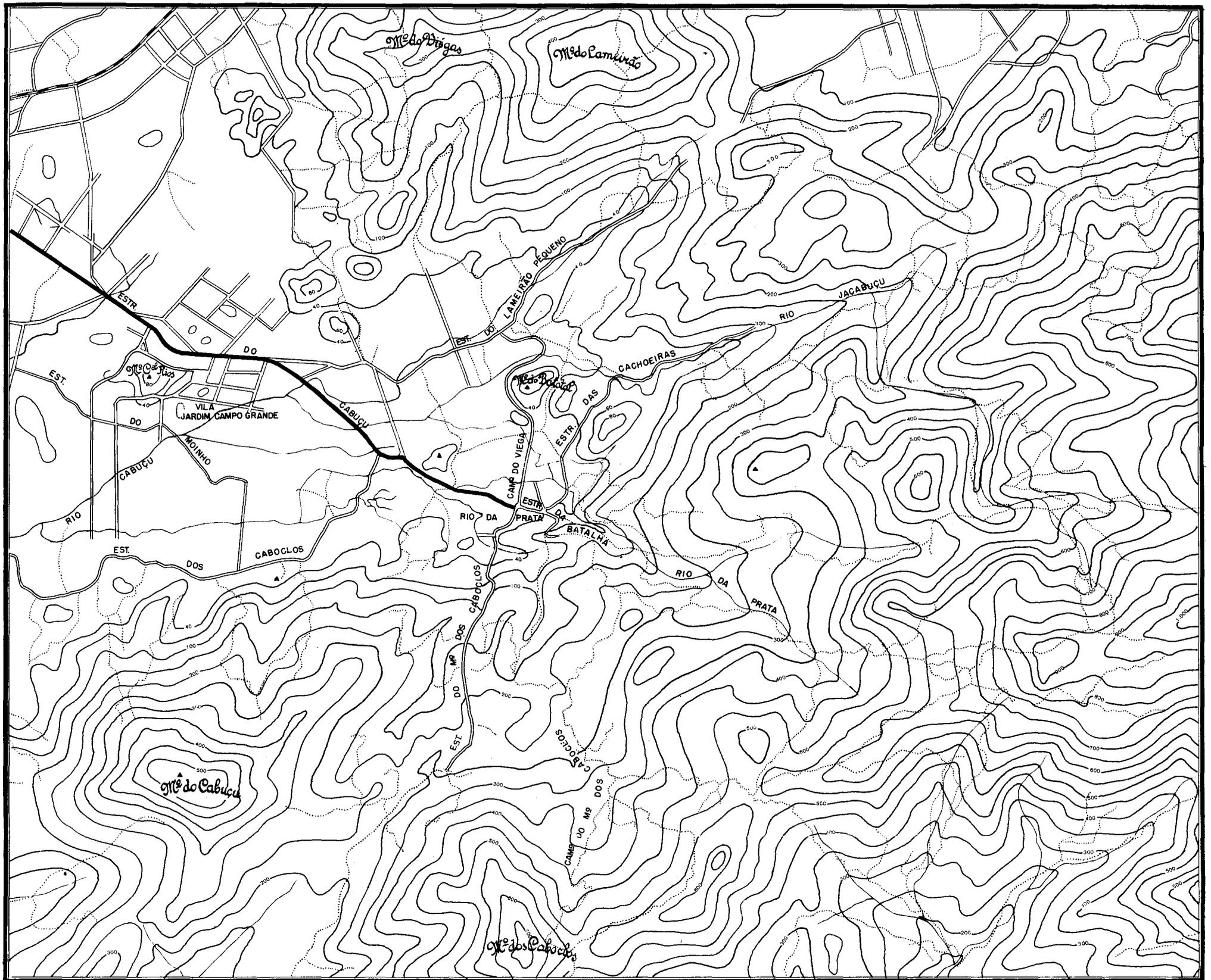
Esquema Funcional
do
Largo do Rio da Prata



Convenções

- | | | |
|---|---|---|
|  | Residências | |
|  | Casas Comerciais | 1 |
|  | Lavagem | 2 |
|  | Depósitos | 3 |
|  | Intendência Agrícola | 4 |
|  | Coneto e Chaféiz | 5 |
|  | Posto Médico | 6 |
|  | Escritório Eleitoral | 7 |
|  | Local de estacionamento de animais e da carga vinda da Serra. | |
|  | Agência do Correio | |

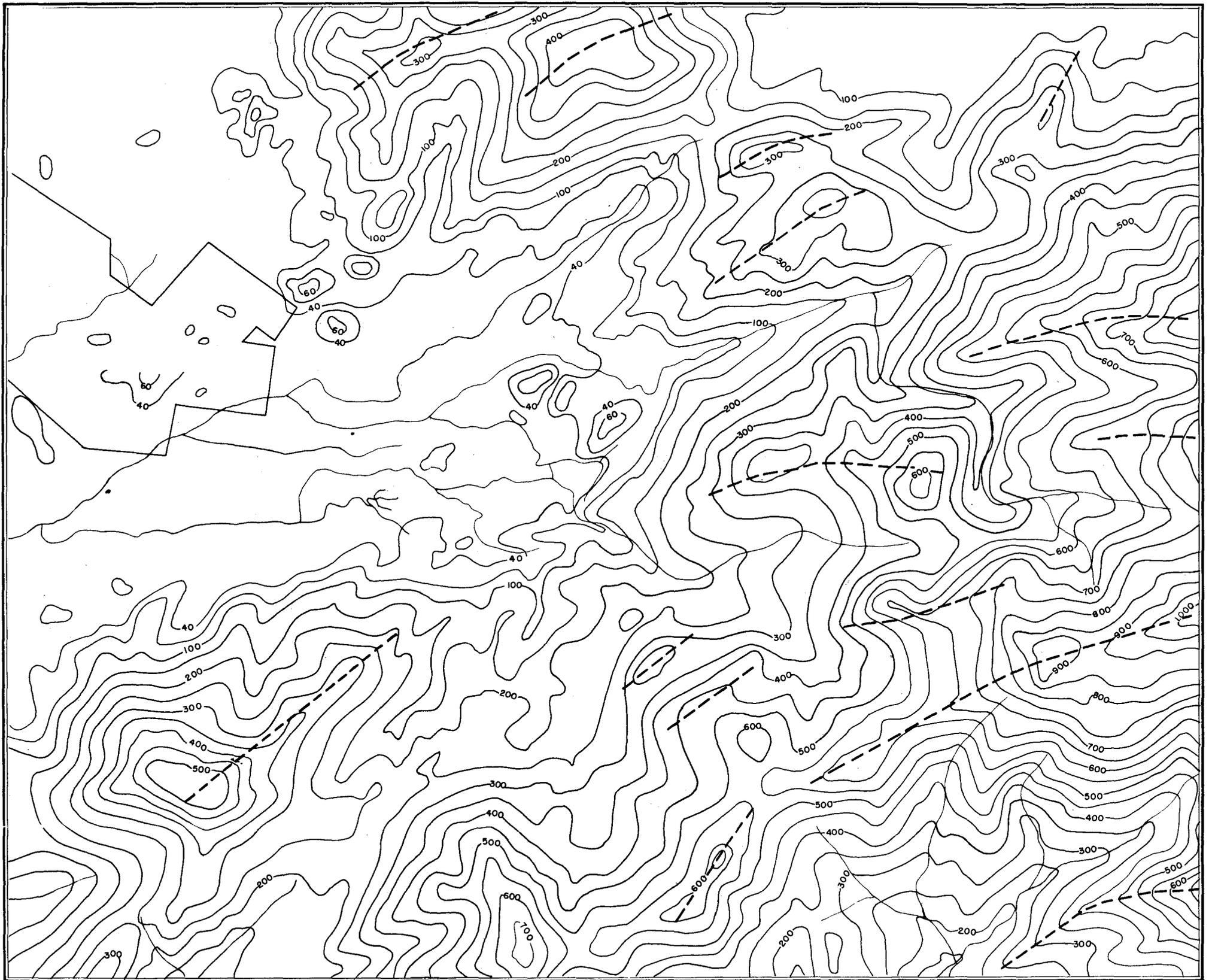
ZONA DO RIO DA PRATA



FONTE: Folhas 9 e 10 da Carta do Distrito Federal —
Serviço Geográfico do Exército.

ESCALA — 1: 20.000

MAPA FÍSICO

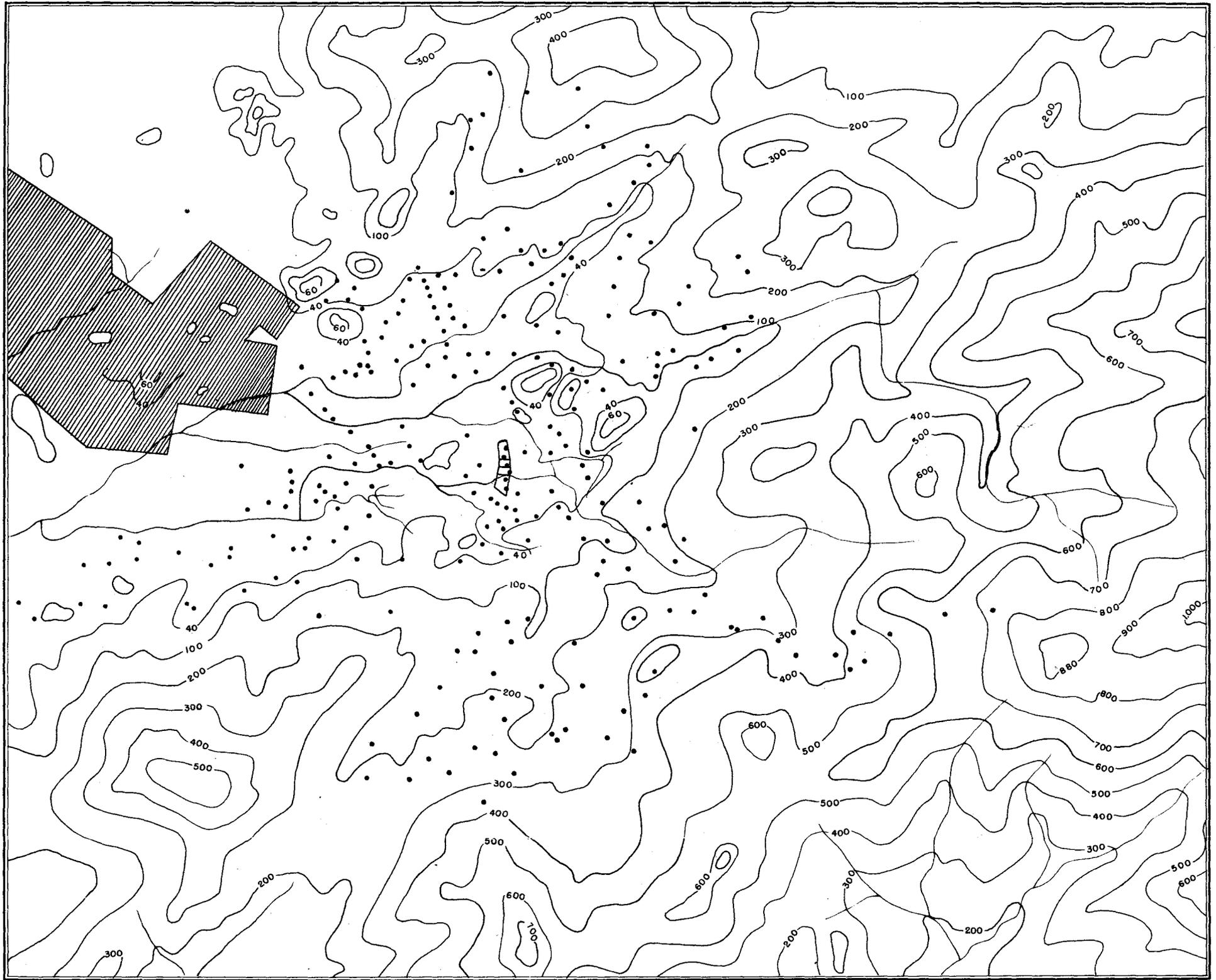


----- CRISTAS PRINCIPAIS

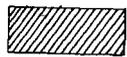
FONTE: Folhas 9 e 10 da Carta do Distrito Federal.
Serviço Geográfico do Exército.

ESCALA: 1: 20.000

DISPOSIÇÃO DAS HABITAÇÕES NA ZONA DE RIO DA PRATA



• CASA

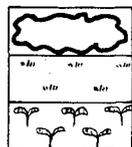
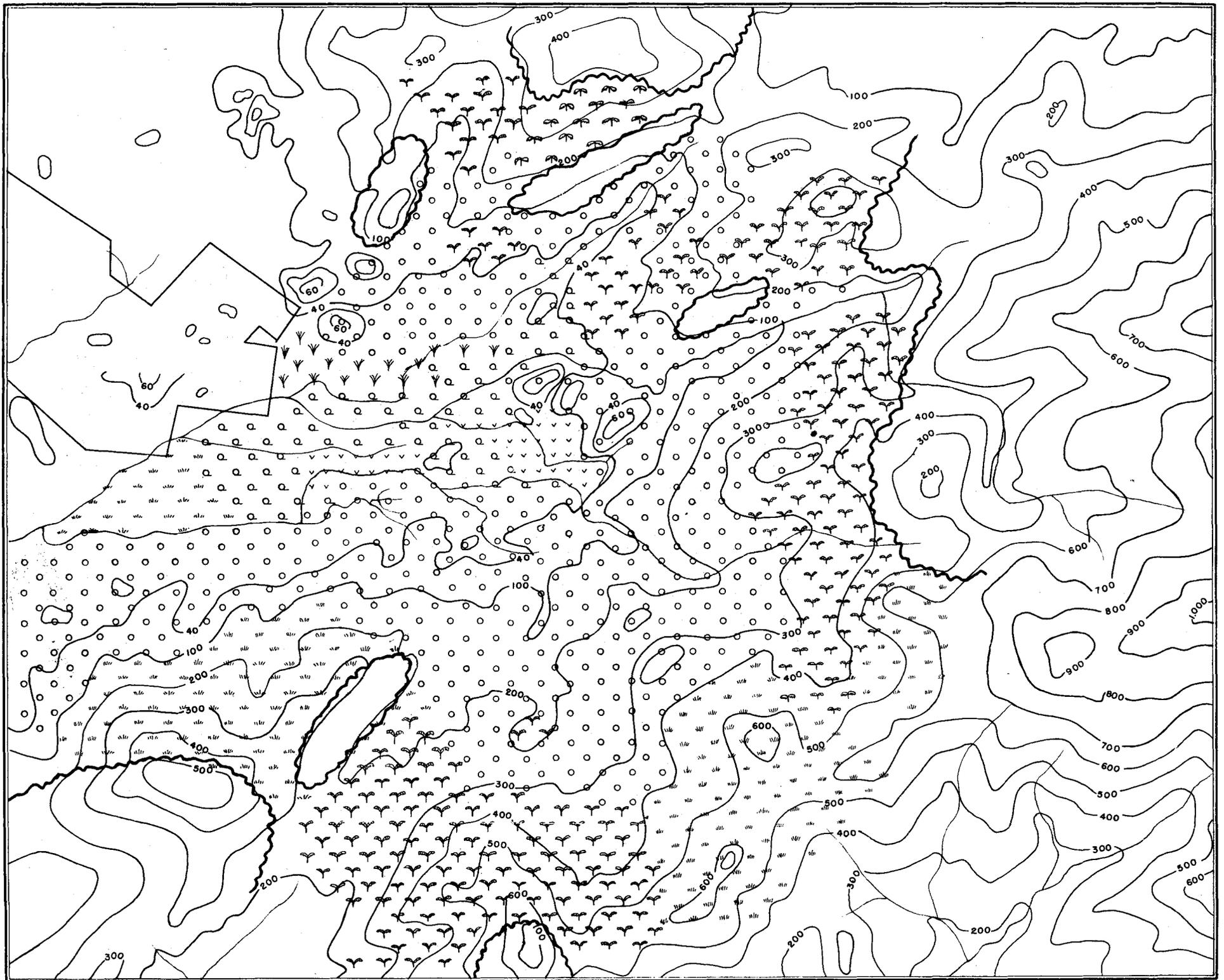


VILA JARDIM CAMPO GRANDE

FONTE: Fôlhas 9 e 10 da Carta do Distrito Federal_
Serviço Geográfico do Exército.

ESCALA: 1 : 20.000

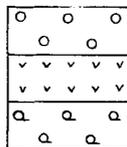
OCUPAÇÃO DO SOLO NA ZONA DE RIO DA PRATA



CAPOEIRA

CAPINZAL

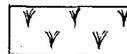
BANANAL



LARANJAL

HORTICULTURA

FRUTICULTURA COM PREDOMINÂNCIA DA LARANJA



CANA

FONTE: Folhas 9 e 10 da Carta do Distrito Federal -
Serviço Geográfico do Exército

ESCALA - 1 : 20.000

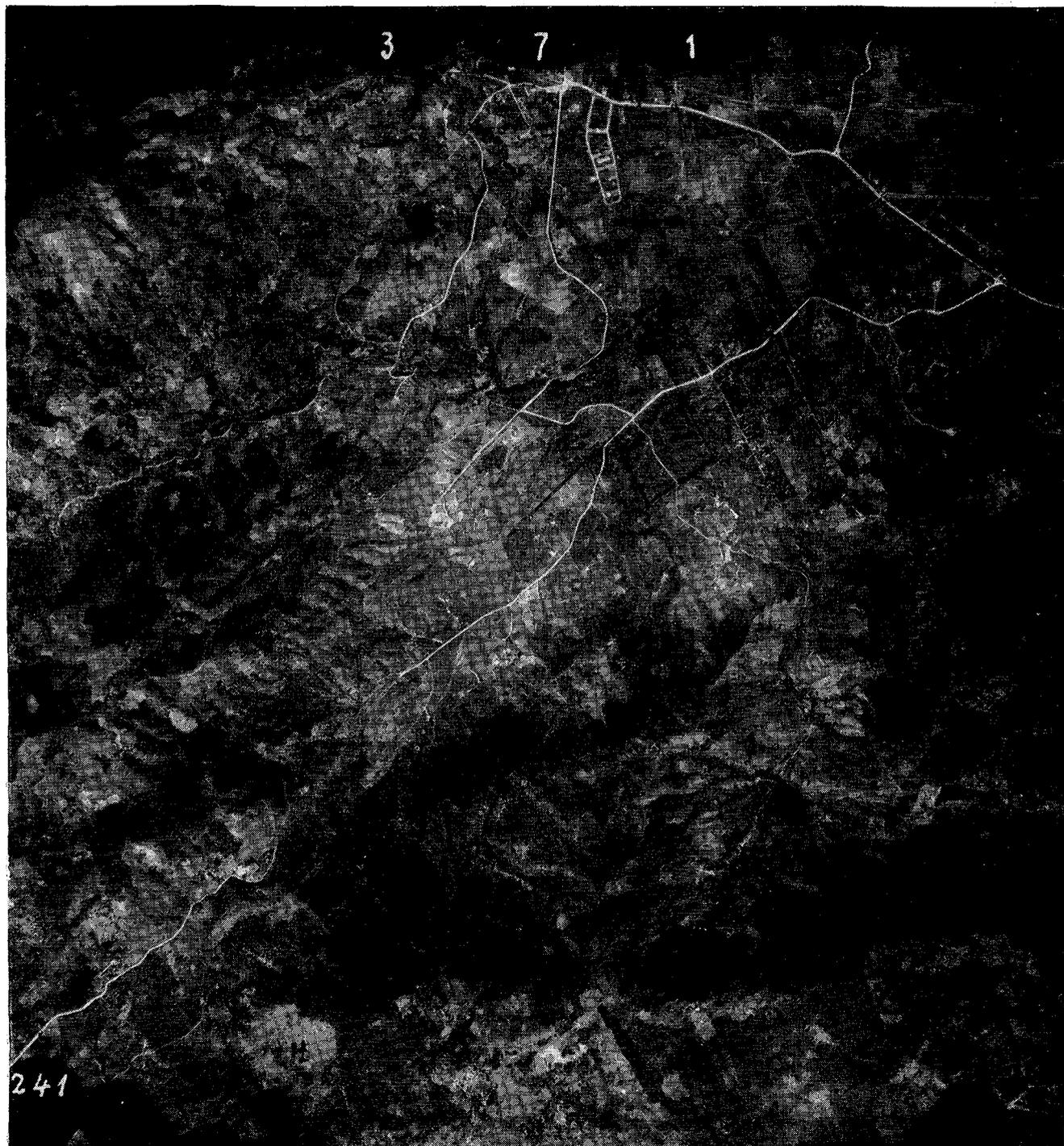


Fig 37 — Vista aérea do morro do Lameirão Contrastando com o morro do Cabucu, suas encostas apresentam-se cobertas de vegetação densa, e seu aproveitamento se estende até a linha de cumiada

Essa função residencial, com novas áreas loteadas, está augurando para um futuro não muito remoto transformação total na região do Rio da Prata, que, como as demais zonas do Distrito Federal, tende a se urbanizar em consequência do crescimento da cidade do Rio de Janeiro.

VI — CONCLUSÃO

O que se pode depreender das considerações aqui apresentadas, como resultado dos estudos e observações feitas, é que a diversidade do relêvo,

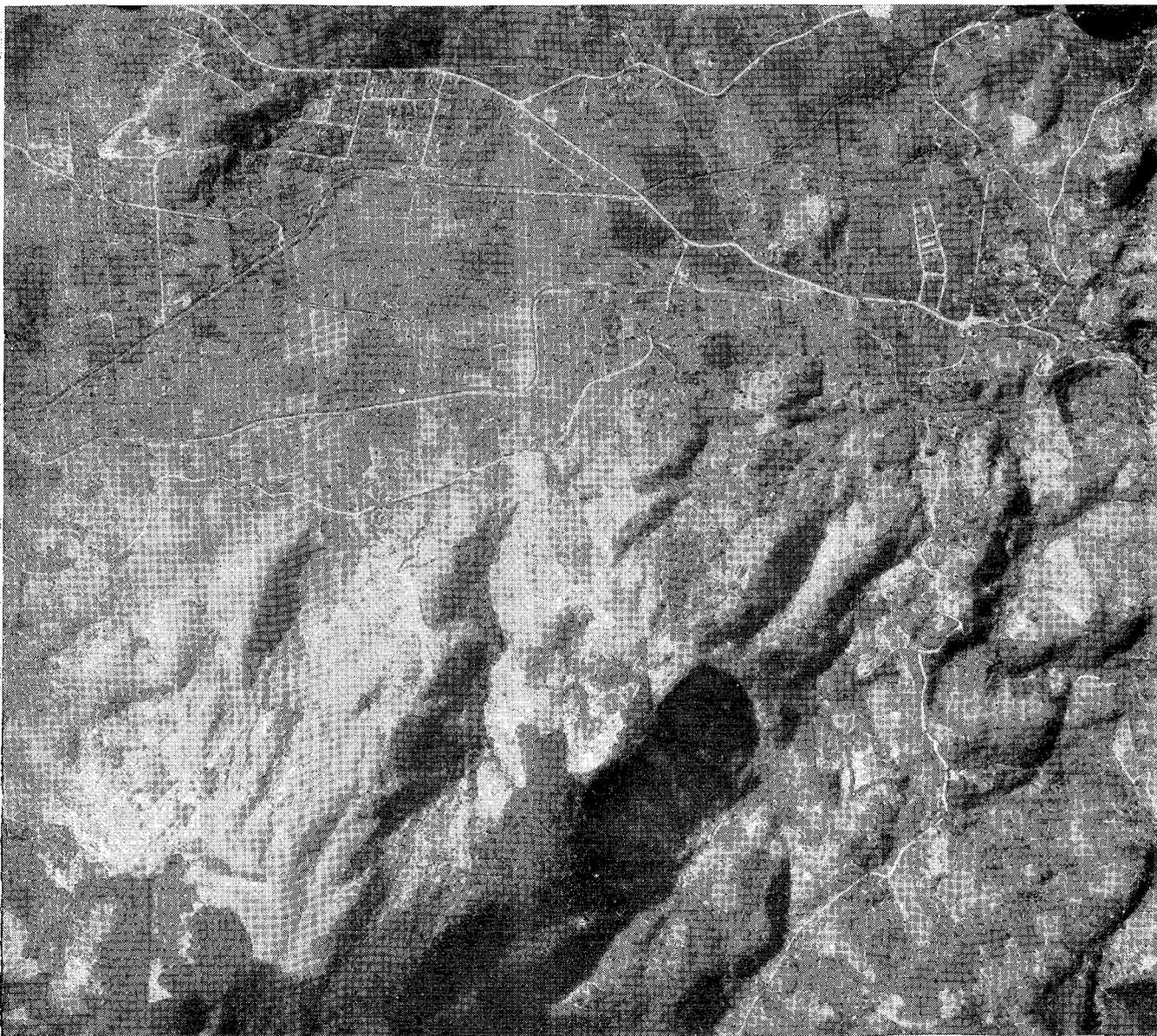


Fig 38 — Vista aérea do morro do Cabuçu. Seu menor aproveitamento resulta de sua intensa exposição aos raios solares. No segundo plano, a baixada com suas culturas.

condicionando uma dualidade de paisagens, exerce influência marcante no tipo de atividades dos habitantes da zona do Rio da Prata.

Também a proximidade de um centro consumidor estável, aliada a facilidades de transporte, muito contribui para o seu desenvolvimento agrícola.

Além dêsse fatores, é interessante ressaltar a valiosa contribuição do elemento étnico português que aí se estabeleceu há alguns anos e que se empenhou, com bons resultados, no plantio da laranja, principal produto da região, e na introdução da cultura de hortaliças.

Encravada num grande centro que é a capital da República, essa pequena zona, agrícola, por excelência, como tal se conserva apesar da influência urbanística que se vem exercendo sobre ela.

BIBLIOGRAFIA

- BACKHEUSER, Prof. Everardo — “A Geologia do Distrito Federal”, in *Boletim Geográfico*, ano III, n.º 35, fevereiro de 1946, pp 1 383-1 406.
- CORREIA, Magalhães — *O Sertão Carioca*, 308 páginas, 113 figuras. Edição do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1936.
- GEIGER, Pedro Pinchas — “Loteamento na Baixada da Guanabara” in *Anuário Geográfico do Estado do Rio de Janeiro*, n.º 5, 1952 pp. 95-104, 4 fotografias, 1 mapa.
- GEIGER, Pedro Pinchas e SCHAEFFER, Regina Espíndola — “Nota sobre a evolução econômica da Baixada Fluminense”, in *Anuário Geográfico do Estado do Rio de Janeiro*, n.º 4.
- MENDES, Renato da Silveira — “Paisagens Culturais da Baixada Fluminense”, in *Boletim 110 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (Geografia n.º 4)*, 157 páginas, 108 figuras, 16 mapas e 4 gráficos. São Paulo, 1950.
- MONBEIG, Pierre — *Ensaio de Geografia Humana Brasileira*, 292 páginas Livraria Martins São Paulo, 1940
- MÜLLER, Nice L. — “Sítios e Sitiantes no Estado de São Paulo”, in *Boletim 132 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (Geografia n.º 7)*. 215 páginas, 67 fotografias, 20 mapas, 4 gravuras. São Paulo, 1951.
- RUELLAN, Francis — “A evolução geomorfológica da baía de Guanabara e das regiões vizinhas”, in *Revista Brasileira de Geografia*, ano VI, n.º 4, outubro-dezembro, 1944 — pp 445-487; 82 figuras, 2 cortes, 7 mapas, 2 cartas estereográficas.

RÉSUMÉ

Introduction

Le travail que nous presentons maintenant offre une description de Rio da Prata qui est considéré très interessant en vue de la diversité de son aire et caracteristiques inconnues

A l'est du lieu appelé Pedra Branca, dans le district rural de Campo Grande, une des aires agricoles de l'intérieur “carioca” qui possèdent encore une valeur économique, il y a une grande extension de terres cultivées qui produisent des fruits, légumes, oranges, cane à sucre et café Tout en étant un centre urbain important comme Campo Grande avec communication avec d'autres lieux, le district de Rio de Prata n'a pas les avantages d'un centre prospère. Ce travail représente une étude de son aspect général et ses paysages, qui se presentent alternativement avec des montagnes et des plaines

Condições Naturales

Au District Federal il y a deux grandes aires contiantantes: une avec des montagnes, et l'autre, avec des plaines, sans transition entre elles Le massif de Pedra Branca, ainsi que ceux de Tijuca et Jericó, sont les montagnes les plus importantes du District Federal. La zone de la plaine est une continuation des plaines du litoral où se situe Rio da Prata. La

zone des montagnes de Pedra Branca est constituée de la "Serra Rio da Prata", "Morro dos Caboclos", (700 mètres), "Serra do Viegas" (300 mètres), "Lameirão" (486 mètres), et "Serra do Cabuçu" (550 mètres) à sud-est et nord-est

La terre basse de "Cabuçu" appartient à la vaste plaine de "Sepetiba". Dans les collines abruptes il est impossible de commencer des activités agricoles. Les fleuves qui entourent les massifs de Pedra Branca et Platina ont eu leur eaux stagnées ce qui donna lieu à la propagation de la malaria. Le "Departamento Nacional de Saneamento" vainqua cette fièvre, il y a treize années. Les terres basses avec ses activités agricoles sont un des principaux centres de toute la région de Rio da Prata.

La culture de ces terres est en grande partie de tomates, oranges et légumes. Dans la route de "Lameirão Pequeno" la culture de la canne à sucre est semblable à celle d'orange, qui n'est pas très prospère à ce moment. Outre aspect intéressant est le commerce entre les deux zones: rurale et urbaine, ce qui est possible en raison des bonnes routes qui conduisent à toutes parts. L'écrivain MAGALHÃES CORREIA, dans son livre "Sertão Carioca", a fait mention de l'abattement de la végétation, ce qui a laissé aride toute la région. Leur habitants, dans la majorité des portugais, font des plantations au pied de la montagne, dans les descentes, et au sommet des mêmes. Quelques petites fermes sont louées par des compagnies particulières et par l'Eglise Méthodiste. Ces fermiers vivent là avec leur familles.

La culture de l'orange a eu une baisse en 1929; après cette période, il survint une phase de prospérité, en 1939; la production atteignit son comble. Le citron, les choux et le gombo sont cultivés en grande escale. A "Viegas" et à "Lameirão", la végétation est plus épaisse et plus verdoyante, et la culture est d'oranges, bananes et papaye. Dans la région on voit des petites fermes qui sont louées à des fermiers. Le transport est fait par moyen des juments. Il y a un petit centre commercial local, lequel est fréquenté par les habitants de cette zone.

SUMMARY

Introduction

The paper we are presenting now offers a description of Rio da Prata which has aroused great interest due to the diversity of its area and unknown characteristics.

To the east of the site called Pedra Branca, in the rural district of Campo Grande, one of the few agricultural areas of the "carioca" inland which possesses economic value, there is an extensive stretch of cultivated land which yields fruits, greens, oranges, sugar cane and coffee. Although an important urban center like Campo Grande and being connected to other places, the district of Rio da Prata does not have the advantages of a prosperous center. This paper represents a study of its general aspects and landscapes, which presents both mountains and plains.

Natural Conditions

In the Federal District there are two big contrasting areas: a mountainous and a plain one, without any transition between them. The Pedra Branca massif, as well as those of Tijuca and Jericó, are the most important mountains of Federal District. The lowland zone is a continuation of the coastal plains where Rio da Prata stands. The mountainous area of Pedra Branca is formed by the Serra Rio da Prata, Morro dos Caboclos (700 meters), Serra do Viegas (300 meters), Lameirão, (486 meters), and Serra do Cabuçu (550 meters) at southeast-northeast.

The Cabuçu lowland pertains to the vast plain of Sepetiba. On the sheer slope it is impossible to start agricultural activities. The rivers which surrounded the Pedra Branca massif had its waters sometimes stagnated which was the reason for the spreading of malaria. The Departamento Nacional de Saneamento succeeded to overcome this fever, thirteen years ago. The lowlands with its agricultural activities is one of the principal centres of the whole region of Rio da Prata.

The crops in those lands are mainly tomatoes, oranges, and greens. In the Lameirão Pequeno road, cultivation of sugar cane is much alike that of the orange cultivation, at present not successful. Another interesting aspect is the trade between the two zones: rural and urban, this owing to good roads connecting different places. The writer MAGALHÃES CORREIA in his book entitled "Sertão Carioca" has mentioned the cutting down of the luxurious vegetation, leaving bare the whole region. Its inhabitants who are in their majority portuguese are planting at the foot of the mountain, on the slopes, and on the top of the mountain, the crops mentioned above. Some small farms are leased by private firms and by the Methodist Church. The small farmers live there with their families.

The orange cultivation decreased in 1929; after this period it boomed in 1939; the production then attained its highest. Lemon, cabbage, and bahmie are extensively cultivated. In Viegas and Lameirão, the vegetation is thickest and more luxurious and the cropping there is orange, banana and papaw. In the region there stand small farms which are leased to farmers. The transportation is made by mules. There is a small local commercial center much frequented by the inhabitants of the zone.